PÍFANOS DO AGRESTE

Pífanos do Agreste

Pesquisa e mapeamento sobre as bandas de pífanos do Agreste Central de pernambucano

Coordenação: Página 21

Edição: Rafael Coelho

Textos: Eduardo Monteiro

Pesquisa: Amaro Filho, Claudia Moraes e Eduardo Monteiro

Historiador: Eduardo Monteiro

Concepção gráfica: Vladimir Barros

Consultoria musical e transcrição de partituras páginas 97, 98, 99, 100 e 101: Carlos Malta

Transcrição de partitura da página 96: José Cláudio Lino

Consultoria de pesquisa: João Alfredo Marques dos Santos (João do Pife) e Marcos Antônio da Silva (Marcos do Pífano)

Acompanhamento técnico: Iphan-PE, Giorge Bessoni e Romero de Oliveira

Fotografias:

Claudia Moraes: páginas 12 ,13 ,25 ,26 ,27 ,30 ,32 ,35 ,36 ,47 ,51 ,52, 59, 61, 64, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 81, 83, 84 e 85

Reprodução acervo Museu da Cidade do Recife: página 17

Reprodução acervo do Laboratório e Museu de Arqueologia da Unicap: páginas 20 e 21

Alex Régis: página 40

Reprodução de acervo das bandas de pífanos: páginas 41, 42, 58, 62, 67, 68 e 85 (Paris)

Thiago França: páginas 47 (bandas), 57 e 63

Reprodução de acervo família Vitalino: páginas 60, 78 e 80

Reprodução da capa de disco Zabumba Caruaru, CBS: página 77

Aymara Almeida: página 85 (crianças)

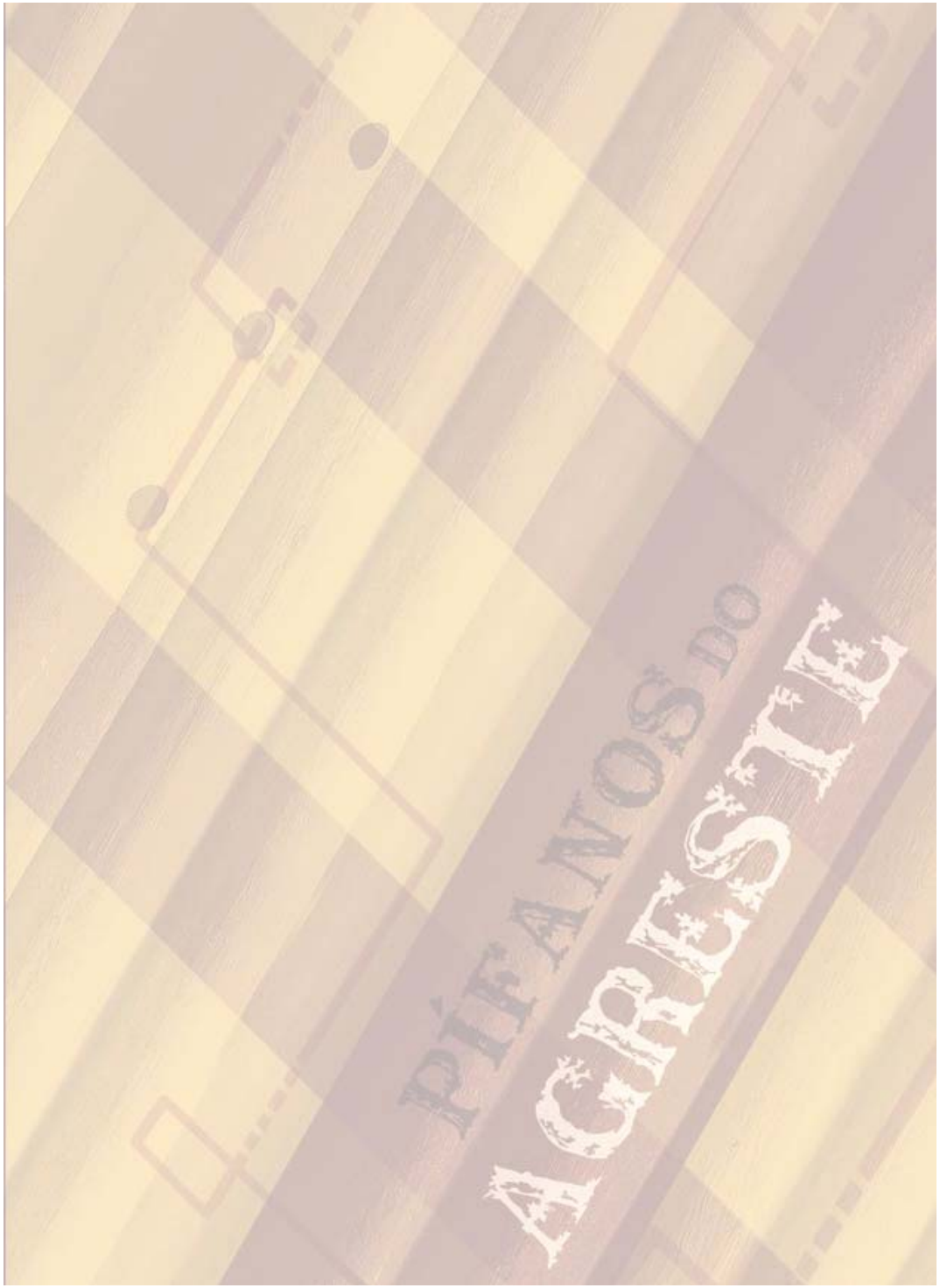
Registro audiovisual: Amaro Filho

Revisão de texto: Consultexto

Acompanhamento técnico: Iphan-PE, Giorge Bessoni e Romero de Oliveira

Impressão: Editora Bagaço

Agradecimentos: Prefeitura Municipal de São Caetano, Rafael Cordeiro, Veridiana Fortunato, Prefeitura de Panelas, Oberdan Andrade, Comissão Deliberativa do Funcultura/PE, Norma Suely de Melo, Prefeitura de Caruaru, Djair Vasconcelos, Lúcia Félix, Iphan-PE, Frederico Faria Neves Almeida, Giorge Bessoni, Romero Oliveira, Museu do Barro de Caruaru, Casa-Museu Mestre Vitalino, Severino Vitalino, Genaldo Barros, Cristina Oliveira e José Cláudio Lino.



Todos os direitos são reservados à Página 21, não sendo permitida a reprodução parcial ou total sem prévia autorização.

ISBN: 978-85-8165-174-3
Pífanos do Agreste
1ª Edição
Tiragem: 1.000 exemplares
Recife, 2014

www.pagina21.com.br
www.tocandopifanos.com

Sumário

Patrimônio Imaterial 15
Agreste 23
Instrumentos 29
Formação 39
Figurino 45
Novenas 49
Bandas 55
Ícones 75
Opiniões 87
Partituras 95

Agradecimentos

Dedico este livro aos meus pais, José Amaro de Souza e Maria Francisca de Souza.
Ao meu irmão Lauro José de Souza (*in memoriam*) por ter me guiado sempre pro lado bom da música.
Às minhas duas cidades: Olinda e Goiana, que ainda respiram música e tradição popular.

Amaro Filho

Dedico este trabalho aos meus pais, Odette Maria Daltro Malta e Paulo Fernando Graça Malta, por tudo que recebi: um mundo de amor e música!
Aos meus irmãos Marisa, Luiz Carlos e Paulo Roberto, pela riquíssima trilha sonora de minha infância musical quando eu ouvia de tudo e tocava meu pife junto.
Agradeço aos mestres e mentores da Terra e do Céu; às bandas de pife do mundo; aos Bianos da Banda de Pífanos de Caruaru pela Pipoca Moderna e a Gilberto Gil por fazer esse som ficar conhecido a bordo de seu LP EXPRESSO 2222; à minha inesquecível professora de música, Dona Miryam, do Colégio Estadual Infante Dom Henrique, por me incentivar a tocar um instrumento; às minhas avós: Judith, por me dar minha primeira flauta, e Zizi, pelos primeiros passos na teoria musical; a todos os meus parceiros na música, de ontem, de hoje, de amanhã e de sempre, meus sinceros agradecimentos de coração!
Pifa, Universo!!!!

Carlos Malta

Dedico este trabalho a todos os queridos guerreiros que, com as flautinhas e zabumbas, defendem as bandas de pífanos: Sebastião Biano, um beatle brasileiro; João do Pife, mestre que faz o pife, toca o pife, vende o pife e depois de velho vai ficar pifado; Zé Gago e Basto da Zabumba, músicos que fazem folia com seus instrumentos; seu Lunga, pifeiro incansável; Marcos do Pífano e seus músicos mirins fazendo alegria no coração; Severino Ferreira e família, pela dedicação às novenas; Carlos Malta, por sua sensibilidade e entusiasmo; Daniel Magalhães, Marcelo Rabelo, Valdelice Costa e Zé Cláudio Lino, pela peleja e perseverança; aos companheiros de estrada Eduardo e Amaro, que compartilharam esses dias intensos, sonoros, alegres, emocionantes...
Aos meus queridos pais, a Rafa e às minhas meninas do meu coração, Maíra e Adah.
A todos que fazem do pífano uma festa para alma, muito obrigada!

Claudia Moraes

Dentre um monte de gente, gostaria de agradecer em especial às minhas mães, que sempre estiveram ao meu lado – mesmo nas escolhas mais erradas e em meus momentos mais obscuros; aos amigos que me desencaminharam no momento certo e me impediram de ser um burocrata fadado a uma crise fatal de meia idade; a todos os profissionais envolvidos no projeto, por corroborarem que a objetividade num trabalho científico é impossível, melhor assim; a todos aqueles que NÃO acreditaram em mim e em meu trabalho, por me fazerem levantar todos os dias com o afã de provar que estavam errados; e, principalmente, a Rita e Maíra, que me ensinaram que o amor supera barreiras inimagináveis – também pela paciência e pelo companheirismo. Muito obrigado.

Eduardo Monteiro

Apresentação

Até pouco tempo atrás, quem se aproximava das bandas de pífanos e se interessava em saber mais sobre o assunto, logo se deparava com a quase completa ausência de publicações que socorressem nesse intuito. O remédio então era empreender longas viagens a campo para conhecer as bandas diretamente ou recorrer às raras teses ou artigos disponíveis em bibliotecas espalhadas pelo país afora. Felizmente, com o passar dos anos, essa situação tem se modificado, na mesma medida em que as culturas tradicionais no Brasil, de modo geral, têm ganhado projeção e visibilidade, sobretudo na internet, mas também em outras mídias, como CDs e documentários. Porém, no campo da literatura impressa, as contribuições têm vindo a conta-gotas. E é por isso que damos as mais calorosas boas-vindas a esta nova publicação que nos chega pelas mãos da Página 21, produtora sediada no Recife. Com a propriedade de quem vem se debruçando sobre o assunto há vários anos (sendo protagonista de uma articulação em nível nacional do movimento em torno do pífano, através do festival *Tocando Pífanos*, que caminha para sua quinta edição e que já contou com a participação de mais de 25 bandas de 8 estados brasileiros), a Página iniciou uma pesquisa de campo, no Sertão e Agreste de Pernambuco, cujo resultado o leitor tem agora a oportunidade de conferir. Trata-se de um trabalho de imenso valor, que confirma a riqueza cultural da região e revela para o público não apenas as já conhecidas bandas de Caruaru, mas muitas outras, cuja história remonta, em alguns dos casos, a mais de 100 anos. Contou ainda com a colaboração dos músicos Carlos Malta e João do Pife e com o valioso acompanhamento técnico do Iphan-PE, que instrumentalizou os pesquisadores com a metodologia do INRC, já vislumbrando um dos objetivos propostos, que é o do registro futuro das bandas de pífanos como bem imaterial brasileiro.

Daniel Magalhães
Músico e pesquisador

Impressões sobre a pesquisa

Dedicar anos de pesquisa em prol do reconhecimento de uma expressão antiga e importante como as bandas de pífanos é um prazer incalculável, mas tão grande quanto o prazer é a responsabilidade que nos traz a empreitada. Além de lidar com documentos históricos empoeirados; instrumentos musicais de mais de um século; fotografias que remontam a várias gerações; datas, tabelas, planilhas e deslocamentos a perder de vista, nos deparamos com gente, a memória viva do que passou representada pelas rugas e pelos calos dos mestres entrevistados.

Tudo isso dito acima era previsto desde quando a ideia sobre o mapeamento das bandas ainda estava apenas em nossa cabeça – eis que surge o imprevisível: a renovação das bandas através dos jovens, o redescobrimento da vida por meio de idosas que montaram um grupo, a conscientização acerca da preservação do meio ambiente por parte dos artesãos de instrumentos. Mais que surpreendente, o projeto como um todo foi estimulante. A cada quinhão de terra – onde gente simples nos recebia de portas e braços abertos, nos contava sobre seus anseios e renovava as esperanças com a nossa chegada, eu sentia a necessidade de que não só o poder público, mas o mundo (re)conheça a beleza que há nas bandas de pífanos.

No geral, conhecer o cotidiano das pessoas que fazem a cultura do pífano trouxe esperanças, todavia, agora, mais do que antes da pesquisa de campo, está evidente a necessidade de ações que oxigenem esse meio. Receio que livros e diplomas não sejam suficientes para garantir a sobrevivência das bandas de pífano. É preciso que sejam inseridas no calendário oficial de festividades, nos programas (previstos em lei) de educação musical nas escolas, que ações de preservação da fauna e flora (importantes não só na confecção dos instrumentos, mas também na manutenção da forma tradicional de fabrico) sejam debatidas e exploradas.

Em suma, ter o prazer de compartilhar experiências com uma equipe gabaritada e, acima de tudo, composta por amigos, afastou a frieza acadêmica que me acompanhava na minha carreira, o que melhorou consideravelmente a minha postura como profissional e cidadão. Muito mais que aprender sobre as bandas de pífanos, a pesquisa me revelou nuances sobre a vida de gente simples, que encontra a felicidade em tocadas depois de um dia de trabalho e renova a fé através da arte de tocar.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia do Governo Federal que contribui para a preservação da cultura ancestral brasileira, fornecendo as bases de pesquisa e reconhecendo o que pode ser enquadrado oficialmente como patrimônio.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Fundada em 1945, tem por busca a salvaguarda do patrimônio cultural global e tem como principal objetivo a redução do analfabetismo no mundo.

Frevo: Patrimônio Imaterial da Humanidade

Dança e ritmo musical surgidos em Pernambuco no final do século XIX. Tradicionalmente mais tocado durante o Carnaval, caracteriza-se pela cadência acelerada. Em 2012 foi eleito Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco.

PATRIMÔNIO IMATERIAL

Este livro faz parte do esforço de conceder às bandas de pífanos o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial.
A base é o INRC (Inventário Nacional de Registro Cultural) – um formulário com várias perguntas e campos obrigatórios, que serve de base para mapeamento, coleta de dados e futuro reconhecimento de uma expressão cultural como patrimônio.
A pesquisa foi feita junto a pessoas ligadas às bandas de pífanos do Agreste de Pernambuco, numa iniciativa da Página 21, com acompanhamento técnico do Iphan-PE.
Patrimônio Imaterial é tudo aquilo reconhecido como expressão cultural ou tradição mantidas por grupos ou indivíduos para a preservação da ancestralidade e identidade brasileiras. Essas expressões e tradições podem ser divididas em modos de saber, celebrações, ofícios e formas de expressão.
Ao ganhar tal reconhecimento, uma tradição ou expressão é fortalecida na tentativa de ser preservada. Exemplo disso é o Frevo, que, após ter sido contemplado com o Registro, ganhou ações educativas, melhor divulgação nas rádios e projetos de instalação de museus – tudo em prol de seu resguardo e reconhecimento.

A PESQUISA

Com o INRC em mãos, foram mapeadas 17 bandas, sendo 16 ativas no Agreste Central pernambucano. A pesquisa também considerou grupos já extintos, graças à memória da família e conhecidos de antigos pifeiros, por meio de fotos, documentos e, principalmente, de depoimentos daqueles que se prestaram de boa vontade a contar suas experiências.
Numa região onde os mais velhos raramente completaram o Ensino Fundamental e as pessoas não cultivam o hábito de escrever – tampouco têm condições de gravar áudios e vídeos de apresentações, é na memória das pessoas, transmitida através da oralidade, que se encontra a maior parte das fontes de pesquisa.
Foram reunidos documentos, fotos, vídeos, músicas; entrevistados mestres e componentes de bandas, identificadas as carências e as forças de cada uma.

AÇÕES DE SALVAGUARDA

As ações de salvaguarda são maneiras encontradas para preservar um bem cultural. No caso das bandas de pífanos, essas ações são feitas desde antes do mapeamento, que veio para complementar e oficializar essas ações.
Nos mais variados meios, existe gente lutando para preservar essa tradição. Lançamento de CDs, apresentação de bandas, divulgação em rádios e televisão eram as formas mais comuns até pouco tempo atrás. Além disso, a Lei nº11.769/2008, que regulamenta o ensino de música nas escolas, criou a oportunidade de realização de oficinas de fabricação de instrumentos e estudo de noções básicas dos ritmos do pífano em instituições de ensino.
Além dessas, é preciso criar outras ações para que mais pessoas possam conhecer as bandas e passar adiante esse conhecimento.
Este livro serve tanto para que estudantes se aproximem do tema e se interessem pela tradição das bandas de pífanos, como para que as bandas mapeadas tenham um pedaço de sua história registrada.
Assim, ao receberem uma cópia desta publicação, os componentes das bandas terão uma dimensão do quanto eles não estão sozinhos e de quanto essa tradição resiste – desde os vilarejos mais distantes (como o afastado sítio Onça, em São Caetano) até o coração urbano do Agreste, representado pela feira de Caruaru.

No âmbito do poder público Federal, o reconhecimento dos bens culturais de natureza imaterial é regulamentado pelo Decreto Federal nº 3.551/2000, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial como instrumento oficial de chancela do Estado. Cria também o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (PNPI), que direciona recursos financeiros para a salvaguarda desses bens culturais. Essa política pública, por sua vez, regulamenta o disposto no artigo 216 da Constituição Federal de 1988, que define como patrimônio cultural brasileiro os bens culturais, de natureza material e imaterial, portadores de referências à ação, à identidade e à memória dos grupos formadores da sociedade brasileira.

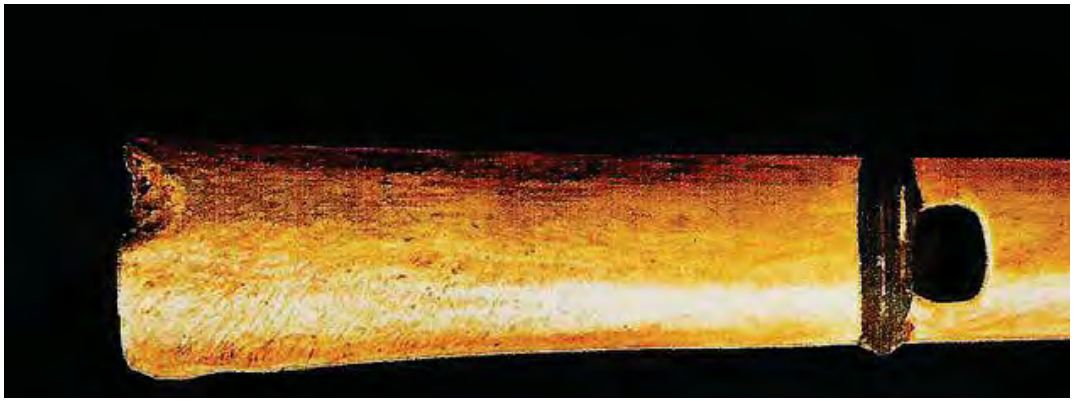
Em 27 de novembro de 2010, representantes da tradição do pífano – mestres de bandas, músicos, pesquisadores, educadores e produtores culturais –, reunidos no Sítio Histórico de Olinda, decidiram que esse bem cultural deveria ser reconhecido pelo Estado como patrimônio cultural brasileiro. Assim, abaixo-assinados, remeteram para a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Pernambuco (Iphan-PE) solicitação visando a essa chancela.

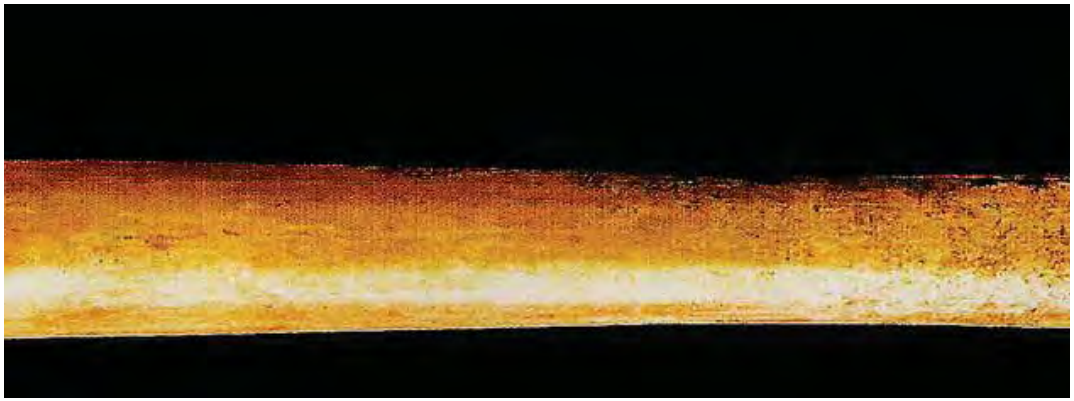
A partir de então, esforços vêm sendo empreendidos pela Página 21, empresa de produção cultural parceira dos pifeiros em diversos locais do Brasil, no sentido de coligir e produzir informações sobre as bandas de pífanos e aspectos da sua tradição no Brasil, que atravessam um processo de relativa "invisibilidade" perante a sociedade e o Estado, com diminuição gradativa de sua prática e de sua divulgação, inclusive nas regiões onde são originados. O objetivo principal é o de reunir dados que possibilitem um futuro pedido de Registro das Bandas de Pífanos, a partir do Estado de Pernambuco, com base nos marcos legais incidentes sobre o tema.

Neste sentido, foi dado início aos projetos "Pífanos do Agreste" e "Pífanos do Sertão", por meio dos quais foi aplicada a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), com o acompanhamento por parte do Iphan-PE. Esses projetos promovem a identificação e a mobilização de detentores das bandas de pífanos com o objetivo de construir informações de cunho histórico e etnográfico que possibilitem, além do pedido de Registro, o entendimento e a descrição dessas bandas. Aparecem nas pesquisas, de forma detalhada, os modos de criar, fazer e viver, bem como os principais mestres e músicos detentores, transmissores e atualizadores dos conhecimentos tradicionais que permeiam e fundamentam as bandas de pífanos – conhecidas também como *bandas cabaçais* e *esquenta muié.*

Nos últimos anos, não obstante as fragilidades pelas quais esse bem cultural vem passando, muito se tem produzido, em termos de pesquisa e registro fonográficos e visuais, sobre a tradição dos pífanos, conferindo a devida relevância dessa cultura para a identidade brasileira. E os projetos *Pífanos do Agreste* e *Pífanos do Sertão* se inserem com propriedade nesse rol de estudos e pesquisas que, desde já, cumprem simultaneamente duas das diretrizes de salvaguarda do patrimônio imaterial: a produção de conhecimento e a divulgação. O material produzido pelas pesquisas ora em atenção será de grande valia para a fundamentação do pedido de Registro das bandas de pífanos *bandas cabaçais e esquenta muié* como Patrimônio Cultural Brasileiro, atendendo aos anseios daqueles que apoiam e mantêm essa tradição.

Giorge Bessoni *- Antropólogo/Iphan-PE*
Romero de Oliveira *- Historiador/Iphan-PE*





PATRIMÔNIO IMATERIAL

Em 1982, a Profa. Jeannette Maria Dias de Lima, em uma pesquisa arqueológica de documentação de sítios de pintura rupestre no Brejo da Madre de Deus, município situado a aproximadamente 195 km do Recife, localizou na Serra da Boa Vista um cemitério indígena em um abrigo sob rocha composto por um único salão de 125,10 m² de área coberta, disponíveis para escavação. Tal abrigo foi denominado pela população local de Furna do Estrago, devido às pedras que rolavam com frequência no local.

Desse sítio, em duas escavações – uma realizada em 1983 e outra em 1987 – foram resgatados 83 esqueletos, além de material conchífero, sementes, ossos de animais (principalmente roedores), adornos e material vegetal. Entre os achados de grande importância, no dia 11 de junho de 1983, a Profa. Jeannette encontrou um esqueleto que, entre os ossos de seus braços, possuía uma flauta elaborada a partir de uma tíbia humana. Devido a esse fato, o esqueleto foi chamado de *Flautista.*

A primeira referência ao flautista foi publicada em 1984, nos Arquivos do Museu de História Natural, da Universidade Federal de Minas Gerais, com a denominação de *sepultamento 4.*

"[...] um homem adulto, em decúbito dorsal esquerdo, com os braços dobrados, as mãos perto da face, as pernas fletidas, em posição fetal. Havia fibras vegetais forrando a fossa funerária e envolvendo o esqueleto. Entre os braços estava um instrumento musical, uma espécie de flauta, fabricada a partir de uma tíbia humana, contendo um só orifício e um delicado cinto de fibras vegetais como adorno. Também acompanhava esse esqueleto um colar de 31 contas de ossos de aves, com formato cilíndrico. A face estava voltada para o ocidente."

Mediante estudos antropológicos, foi concluído que o Flautista era um homem robusto, com 1,65m de altura, dentro da média daquela população (1,55m nas mulheres e 1,65m nos homens), com 45 anos de idade e que teria vivido há cerca de 2.000 anos a.P. e possuía um crânio braquicéfalo (cabeça-chata).

A flauta de tíbia humana encontrada junto com o referido esqueleto foi a única intacta entre as outras três, do mesmo tipo, encontradas na Furna do Estrago. A flauta encontrada possui um cinto vegetal e uma cavidade na qual foi localizada uma palheta óssea, provavelmente utilizada para promover mudanças de entonação. O instrumento, segundo Lima, era utilizado nos diversos rituais de danças e nos enterros.

As pesquisas realizadas na Furna do Estrago mostram que o homem pré-histórico nordestino apresentava comportamento social que incluía o cuidado com os mortos, rituais funerários, respeito aos idosos, além de uma possível prática musical, utilizando-se de instrumentos rústicos para promover cultos religiosos e rituais de danças.

A sensibilidade do homem pré-histórico nordestino, traduzida pelos achados arqueológicos da Furna do Estrago, tem sido reconhecida por pesquisadores e museólogos. Segundo o museólogo Aluizio Câmara, a flauta encontrada não é apenas um instrumento arqueológico e histórico, mas um som que pressupõe, sobretudo, um gesto, uma ação humana, uma manifestação sensível do ser em resposta às suas inerentes e emergentes exigências, mesmo que contemplativas. Ao soprar aquela flauta, o homem gerava cultura.

Profa. Maria do Carmo Caldas
Coordenadora do Museu de Arqueologia -Unicap

AGRESTE

O Agreste pernambucano está inserido entre a Zona da Mata e o Sertão. Tem uma área aproximada de 24,4 mil km² e representa 24,7% do território pernambucano. A população é de cerca de 1,8 milhão de habitantes, segundo o Censo IBGE 2010.

Aproximadamente um quarto dos pernambucanos vive nessa região, que se divide em 71 municípios e seis microrregiões.

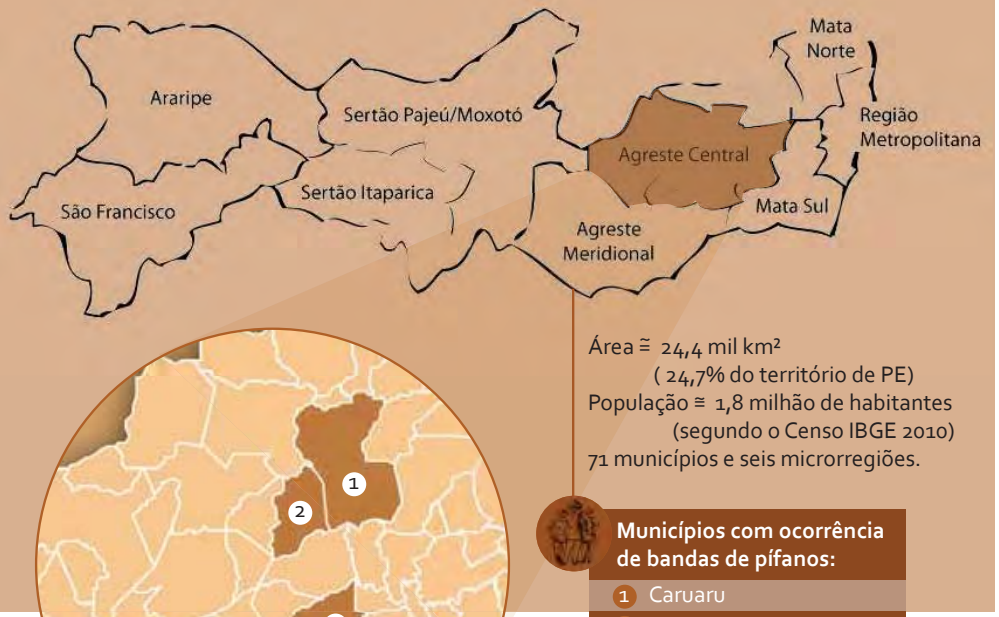
Durante o mapeamento, a maioria das bandas foi encontrada no Vale do Ipojuca, região à qual pertencem os municípios de Caruaru, São Caetano, Riacho das Almas e Brejo da Madre de Deus, entre outros.

As bandas estão espalhadas entre os centros urbanos e a área rural desses municípios, que se assemelham em clima e vegetação mais com o Sertão do que com a Zona da Mata e o Litoral.

O clima semiárido não impede a implantação de várias formas de agricultura e criação de gado – as principais fontes de renda da região. A maior cidade é Caruaru, um dos principais polos comerciais do interior e município onde está grande parte das bandas de pífanos.

No vizinho município de São Caetano encontram-se diversos exemplos de bandas que surgiram nas comunidades por causa da fundação de uma igreja ou paróquia. Já que boa parte das celebrações religiosas carecia da presença desse conjunto, agricultores ou devotos se prestavam a formar uma banda a serviço do padroeiro local. É o caso da família de Severino Ferreira, conhecido por Biu Gabiru no pequeno vilarejo de Santa Luzia, no sítio Onça, às margens da Pedra do Cachorro.

Quarto município mais populoso de Pernambuco, com 338 mil habitantes, Caruaru representa o 7º maior PIB do Estado e



Área ≅ 24,4 mil km²
(24,7% do território de PE)
População ≅ 1,8 milhão de habitantes
(segundo o Censo IBGE 2010)
71 municípios e seis microrregiões.

Municípios com ocorrência de bandas de pífanos:

1. Caruaru
2. São Caetano
3. Panelas

Caruaru (zona rural)

AGRESTE

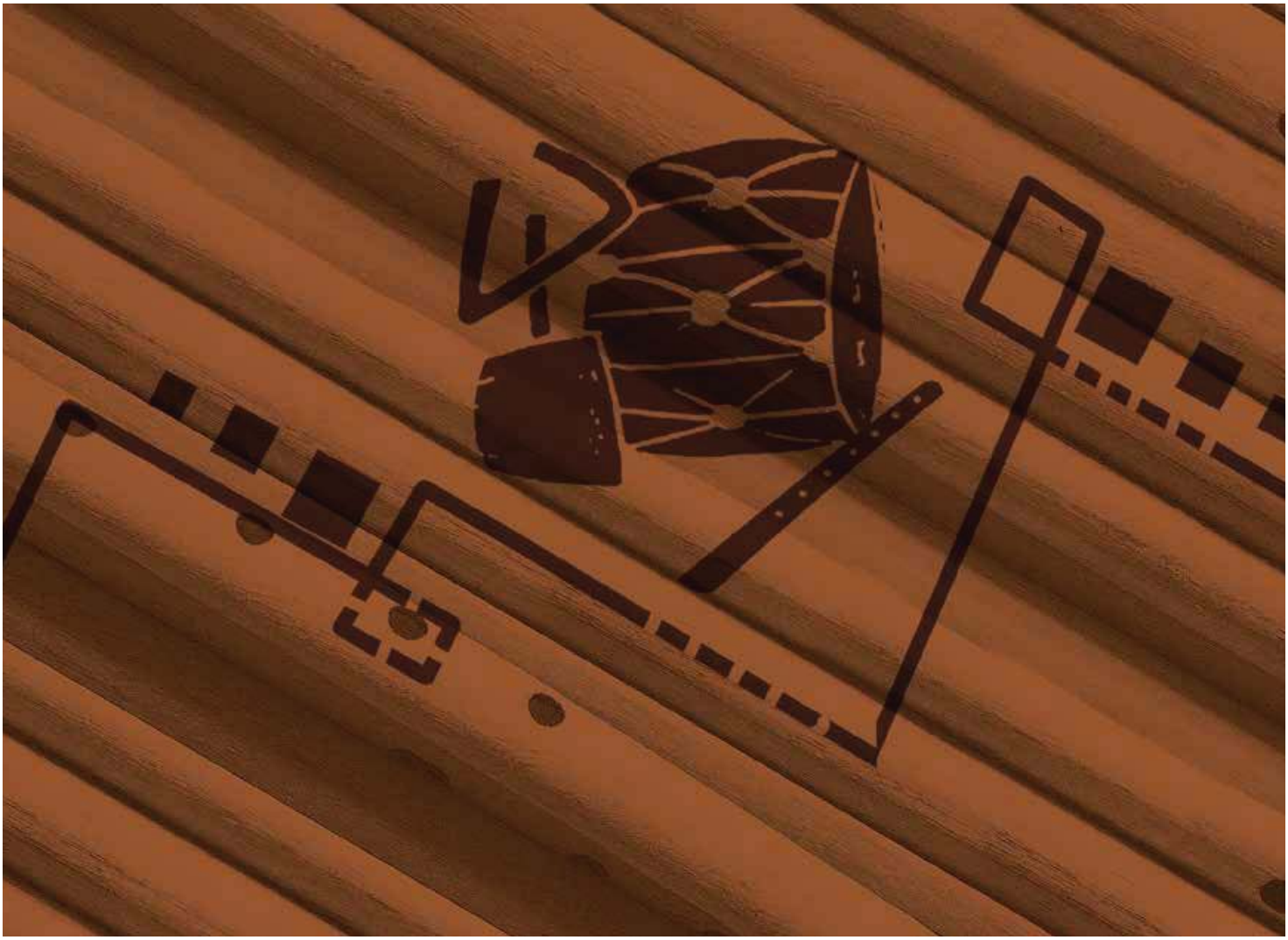
Panorâmica de Caruaru

Panelas (zona rural)

recebeu o título de maior centro de artes figurativas da América Latina, concedido pela Unesco. A história desse município se mistura com a chegada das bandas de pífanos na região.

A família Nunes dos Bezerros (sobrenome adotado porque a família se estabeleceu próximo à Paróquia dos Bezerros) foi a primeira a ocupar o que hoje corresponde ao município de Caruaru, que não passava de uma fazenda de gado. José Rodrigues de Jesus, um dos dois órfãos criados pelos Nunes, apossou-se da parte que lhe cabia na herança, estabelecendo-se no local denominado Caruaru, onde mandou logo construir uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Do entorno dessa capela, deu-se início ao povoado de Caruaru, por volta do ano de 1800.

Tendo em vista essas datas e sabendo que as bandas de pífanos tradicionais atendiam às demandas religiosas de igrejas e capelas desde sua fundação, acredita-se que a chegada das primeiras bandas de pífanos da região ocorreu no século XVIII.



INSTRUMENTOS

O que é um pífano?

É uma flauta transversal feita em material cilíndrico com sete furos, um para soprar e seis para dedilhar. É o principal instrumento das bandas de pífanos, geralmente tocado em pares.

Originalmente, a matéria-prima desse instrumento era o bambu, antes encontrado em abundância em todo o Brasil. Mas o desmatamento, principalmente nas margens dos rios, fez com que esse material quase desaparecesse em algumas regiões. Para não deixar cair a tradição e por conta dessa falta de matéria-prima, os mestres pifeiros passaram a utilizar outros materiais, como o metal e o PVC. Há quem diga que não existe muita diferença sonora entre os pífanos feitos de bambu e os de plástico ou ferro, mas os tocadores mais antigos, principalmente, preferem o pífano tradicional e defendem o seu uso.

A presença dos pífanos em missas e eventos religiosos remonta aos anos 1500. Nas caravelas, que passavam meses a fio em viagens intercontinentais, os tocadores de pífano e caixas eram imprescindíveis em celebrações lúdicas religiosas a bordo. Ferramenta muito utilizada na catequese de índios e presente nas formações bélicas espanholas e portuguesas, o pífano foi frequentemente representado em gravuras da época, assim como seus respectivos tocadores. Desde que chegou aqui, o pífano foi tocado por negros, índios e brancos – isso fez com que a forma de tocar do europeu sofresse mudanças. Os toques trazidos pela tradição de além-mar ganharam sotaques dos colonizados.

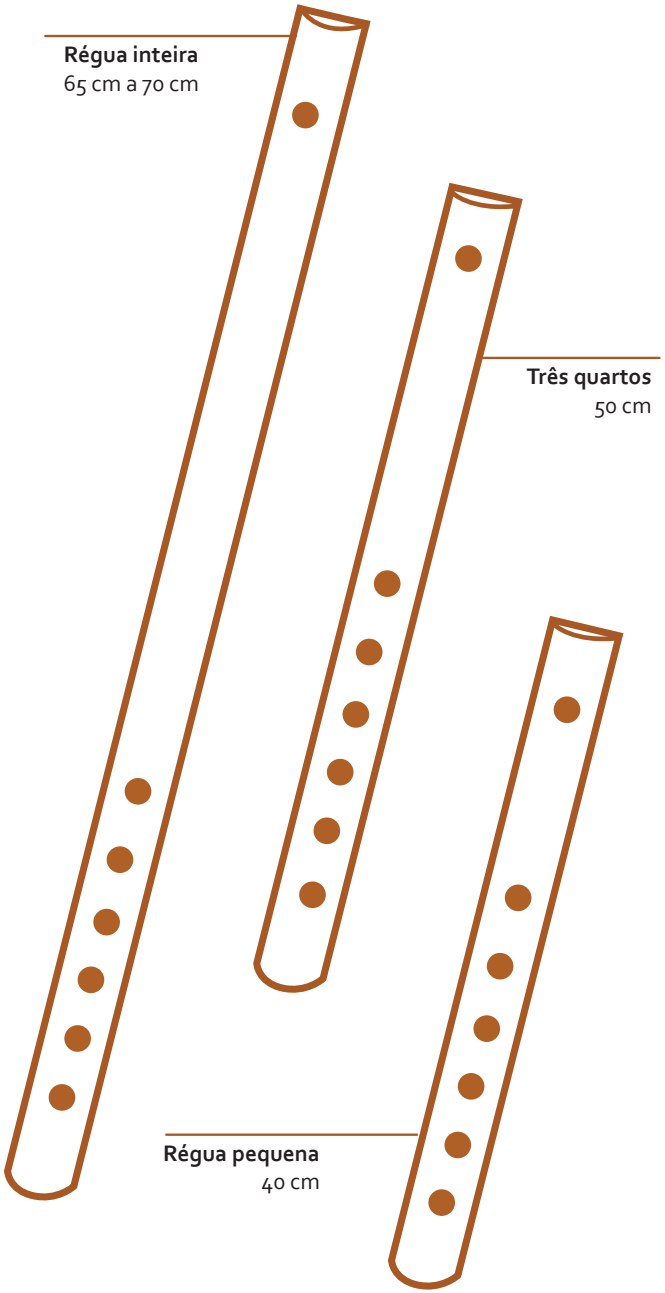
Mesmo antes da chegada dos europeus, os nativos já tocavam flauta com muita desenvoltura. Na população indígena, há o caso dos índios cariris, guaranis e fulniôs, que utilizavam instrumentos feitos de bambu e tinham danças características.

Essa mistura entre tocadores, matérias-primas e modos de fazer e tocar os instrumentos deixou ritmos e situações únicos.

Atualmente, as flautas de bambu também estão presentes no caboclinho – folguedo de inspiração indígena, com dança e música, frequente em carnavais do Nordeste.

Quais as dimensões de um pífano?

O pífano pode ser subdividido em três tamanhos. Os mais encontrados são: o de 65 cm a 70 cm, chamado *régua inteira*; *três quartos*, com 50 cm; e o de 40 cm é chamado de *régua pequena*. A diferença entre os tamanhos e diâmetros influencia no tipo de som que o pífano emite. Quanto maior a grossura ou o tamanho do cano, mais grave é o som. Logo, o pífano de régua pequena tem o som mais agudo.



BANSURI

Instrumento semelhante ao pífano brasileiro, tanto na matéria-prima como no formato e na quantidade de furos. É encontrado na Índia e está ligado às tradições budista e hinduísta.

PLÁSTICO

PVC é a sigla inglesa de *polyvinyl chloride*, que, em português, significa *policloreto de polivinila*, ou *policloreto de vinil*, um plástico também conhecido como *vinil*.

Outros instrumentos da banda de pífanos

Zabumba, contrassurdo e tarol são os instrumentos de percussão mais comuns nas bandas de pífanos. Assim como os pífanos, também passaram por modificações ao longo dos anos.

Na época que as bandas começaram a surgir no interior (por volta de 200 anos atrás) as matérias-primas dos instrumentos percussivos eram abundantes e podiam ser encontradas sem grande esforço pelos mestres artesãos.

A parte que o tocador bate no instrumento, geralmente chamada de *tímpano*, era composta de couro de bode ou raposa; as cordas que amarravam e afinavam os instrumentos eram de sisal ou cipó; a caixa acústica dos instrumentos tinha como matéria-prima a árvore tamboril (popularmente conhecida como orelha-de-negro) e o aro que unia o couro à caixa acústica tinha a aroeira como principal matéria-prima. Esses materiais, antes abundantes, perderam espaço por causa do desmatamento e do adensamento urbano. Mais recentemente, leis ambientais passaram a impedir a derrubada das árvores que forneciam a madeira para a confecção dos zabumbas e contrassurdos. A própria conscientização dos artesãos fez com que a derrubada dessas árvores fosse praticamente suprimida. Assim, os instrumentos tradicionais foram substituídos pelos de plástico e metal encontrados em lojas de artigos musicais. De acordo com os zabumbeiros, apesar de o peso e a sonoridade do zabumba original serem inigualáveis, é mais valioso manter uma árvore de pé.

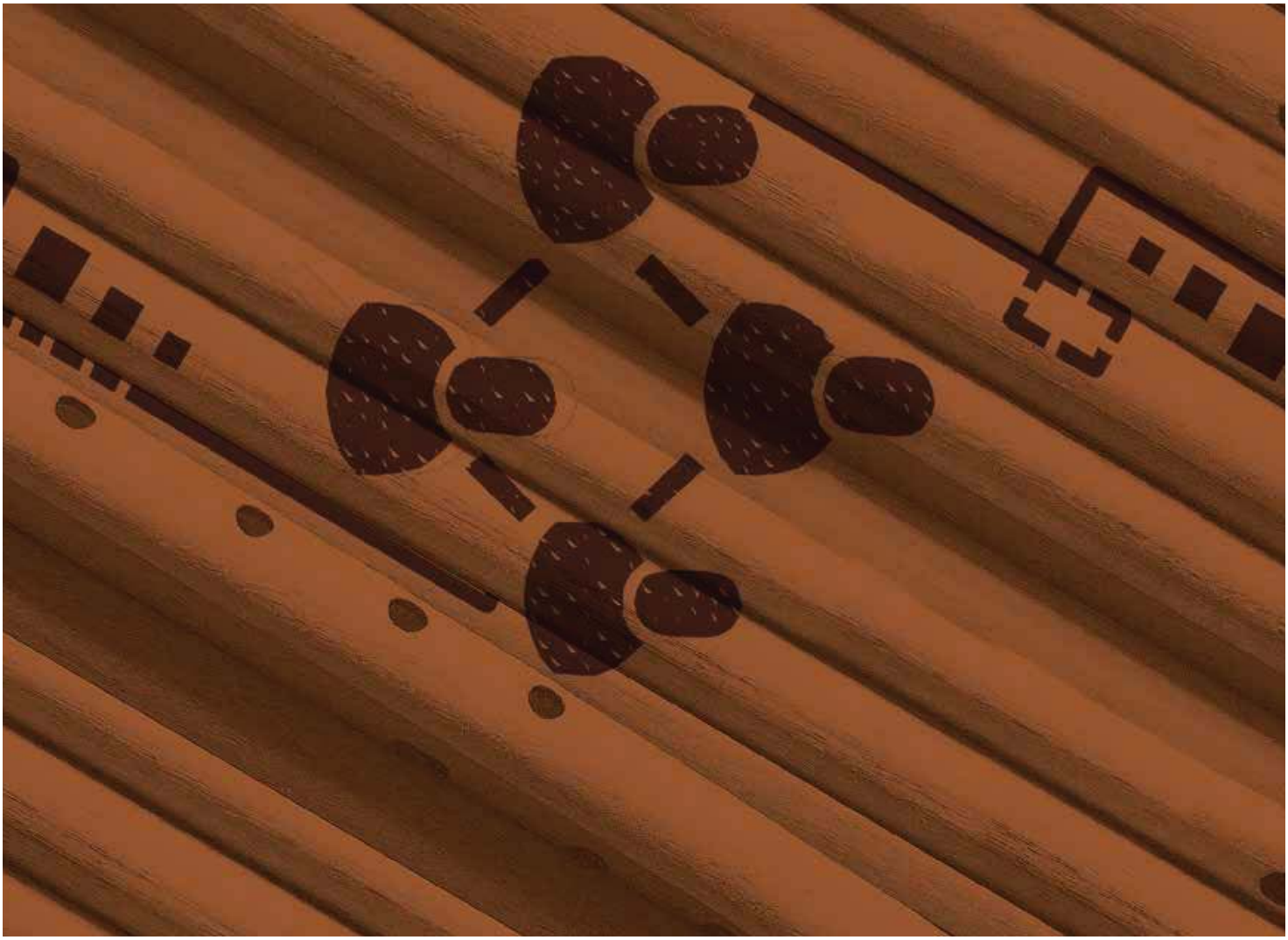
O meio termo entre a tradição e a modernidade é encontrado quando as partes dos zabumbas e das caixas que seriam feitas de troncos de árvores ou compradas em lojas de música são construídas com madeira compensada – facilmente encontrada em marcenarias de qualquer região.

Em relação ao couro de bode, existe uma questão prática envolvida em seu uso: a afinação. Normalmente o zabum-

ba com couro desafina quando está em baixas temperaturas, sendo necessária a afinação pouco antes da tocada. Mas o som que o instrumento emite pode ser ouvido de uma distância muito maior, em comparação ao nylon, substituto do couro, que não necessita de afinação antes das tocadas e é frequente nos instrumentos de bandas modernas.
As amarras, antes de cipó de árvore, foram comumente substituídas por cordas de sisal e outros materiais – pelos mesmos motivos que os demais materiais feitos de matéria-prima vegetal: a dificuldade de encontrá-los na natureza e a facilidade de materiais substitutos.
A importância do volume alto do zabumba existe desde os primórdios das bandas de pífanos. Naquela época, os tocadores anunciavam a sua chegada quilômetros antes de entrarem nas igrejas e residências. Normalmente, a banda percorria o caminho até as tocadas a pé e anunciava sua chegada bem antes de chegar ao destino.
Como não havia rádio, TV ou telefone, a maneira que a comunidade tomava conhecimento das tocadas era ouvindo o baque do zabumba.

Caixas e pratos

Estão mais ligados às bandas marciais. A caixa é encontrada em imagens e relatos desde as primeiras bandas de pífanos, já os pratos foram introduzidos mais recentemente, no início do século XX.
As caixas de guerra, ou caixas, ou taróis – na versão industrial – são encontrados facilmente em lojas de artigos musicais. As caixas ditas tradicionais têm a mesma matéria-prima e o mesmo método de fabrico que os zabumbas, mudando somente o tamanho do instrumento e a afinação, bem como a forma de tocar (a caixa com duas baquetas finas).
Os pratos são os instrumentos que menos sofreram alterações em sua produção – uma liga metálica, que emite um som estridente inconfundível. Mas o tamanho desse instrumento varia de acordo com o gosto do músico e a necessidade de gerar o som com maior ou menor volume.



FORMAÇÃO

MULHERES ESQUENTADAS

A expressão *esquenta muié*, um dos nomes dados às bandas de pífanos, vem do sucesso que os tocadores tinham com o público feminino, fazendo as mulheres dançarem e, ao ouvirem a música, ficarem "esquentadas".

A tradicional formação de uma banda de pífanos é um quarteto: dois pifeiros, um zabumbeiro e um tocador de caixa. Mas por trás desse modelo de formação existe muita história e adaptação.

Terno de zabumba, terno de pífano, esquenta muié, cabaçal. Cada nome desses traz consigo uma história, um sotaque, um local, uma época. Eles revelam particularidades que mostram com mais clareza as relações festivas, políticas e religiosas na rotina dos tocadores e admiradores dessas bandas.

Mas o que une esses nomes em torno da mesma expressão é o fato de esses conjuntos estarem ligados às festas populares, sejam elas religiosas ou lúdicas, e estabelecidos no contexto rural, no mato, na caatinga. Parte disso se deve ao fato de as matérias-primas básicas dos instrumentos serem encontradas em grande quantidade nesses meios e por constituírem também um testemunho vivo de nossa colonização. Do litoral ao interior, a fundação de igrejas em freguesias criava uma demanda por bandas de pífanos, para que completassem as cerimônias religiosas e profanas.

As bandas de pífanos de antigamente tinham menos componentes do que a maioria das formações encontradas hoje em dia, em que várias bandas têm seis integrantes, no lugar dos quatro de antigamente.

Nos anos 1960, a Banda de Pífanos de Caruaru passou a usar vestimentas semelhantes às dos cangaceiros, pois Sebastião Biano, líder do grupo, afirma ter tocado para o bando de Lampião.

Os irmãos Biano também buscaram o melhor entendimento sonoro entre os instrumentos, dando mais

Banda de Pífanos Santa Luzia (1ª formação)

chances de criação e arranjo aos músicos. Mais recentemente, o músico Carlos Malta fez uma mistura de ritmos universais, tendo o pífano como centro das atenções. Os exemplos dos Irmãos Biano e de Carlos Malta, apesar de terem uma identidade regional muito forte, evidenciam que as bandas de pífanos podem atravessar fronteiras e se adaptar aos públicos e locais mais variados.

João do Pife e a Banda Dois Irmãos provam que a tradição pode ser mantida (através das músicas, dos instrumentos, das formações) e, mesmo assim, o mundo reconhecer seu talento e sua sonoridade. João e a banda já se apresentaram

Banda de Pífanos Alvorada

João do Pife e Banda
Dois Irmãos

FORMAÇÃO

em mais de 30 países, tocando dobrados, valsas, baiões, num turbilhão de cultura regional. A resposta do público é tão boa quanto às modernidades de Carlos Malta.

As origens das bandas de pífanos dizem muito sobre os vários ritmos que tocam porque, da mesma forma que a formação do povo brasileiro, as bandas sofreram influências de índios, negros e europeus. Dos índios, vem a contribuição no uso dos instrumentos de sopro. Dos africanos, as bandas herdaram as batidas da percussão, normalmente num compasso mais rápido, com uma sonoridade que encontra similaridades com o coco, de roda ou de umbigada. Da Europa, vieram as marchas, valsas e os dobrados ora ligadas ao militarismo, ora à religião.

Até os anos 1960, esse caráter religioso era predominante na maioria das bandas, pois era nas novenas que os músicos tocavam mais vezes e por mais tempo. Nesse contexto, os benditos aos santos, dobrados e valsas de entrada e saída tomavam conta do repertório.

Depois das obrigações religiosas, as bandas tocavam para o público um repertório profano – nesse momento, a depender do povoamento do local, as misturas rítmicas e culturais vinham mais à tona. A depender de quem toca – uma banda de caboclos ou composta por quilombolas –, as mesmas músicas podem ter sonoridades diferentes, que mostram a pluralidade que compõe a cultura nacional.

FIGURINO

FIGURINO

Tão variados como as origens, são os figurinos das bandas de pífanos. Dependendo das particularidades de cada banda – eventos específicos, regiões, manutenção do grupo –, o vestuário varia entre o simples chapéu de palha e as roupas usadas na roça (calça de tecido grosso, sandálias e camisa de malha), o típico fardamento militar (com quepe, calça cáqui e camisa de botão) e a famosa composição de chapéu de couro, camisas estampadas ou lisas e calças lisas.

A maior parte dos tocadores dessas bandas é composta de agricultores, parte deles sem condições financeiras de comprar ou confeccionar uma veste mais elaborada, mas a padronização das roupas e o cuidado com a conservação delas (independentemente do material) já demonstram o respeito do grupo pela ocasião.

Existe uma explicação clara para o uso dessas vestimentas: as bandas de pífanos têm uma relação muito estreita com o catolicismo. Até a metade do século XX, a maioria das ocasiões em que os grupos se apresentavam era em festas religiosas, a exemplo dos batizados, casamentos e, principalmente, das novenas.

Como forma de respeito e reverência aos santos e à religião, os tocadores procuravam usar a sua melhor roupa, normalmente costurada pelas esposas. Além disso, no passado, principalmente nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, as bandas de pífanos tinham uma popularidade elevada, o que levava os integrantes a cuidarem com zelo de sua aparência, já que eram quem trazia diversão aos caboclos.

O respeito religioso e o interesse pela conquista faziam com que a preocupação dos tocadores com a roupa fosse

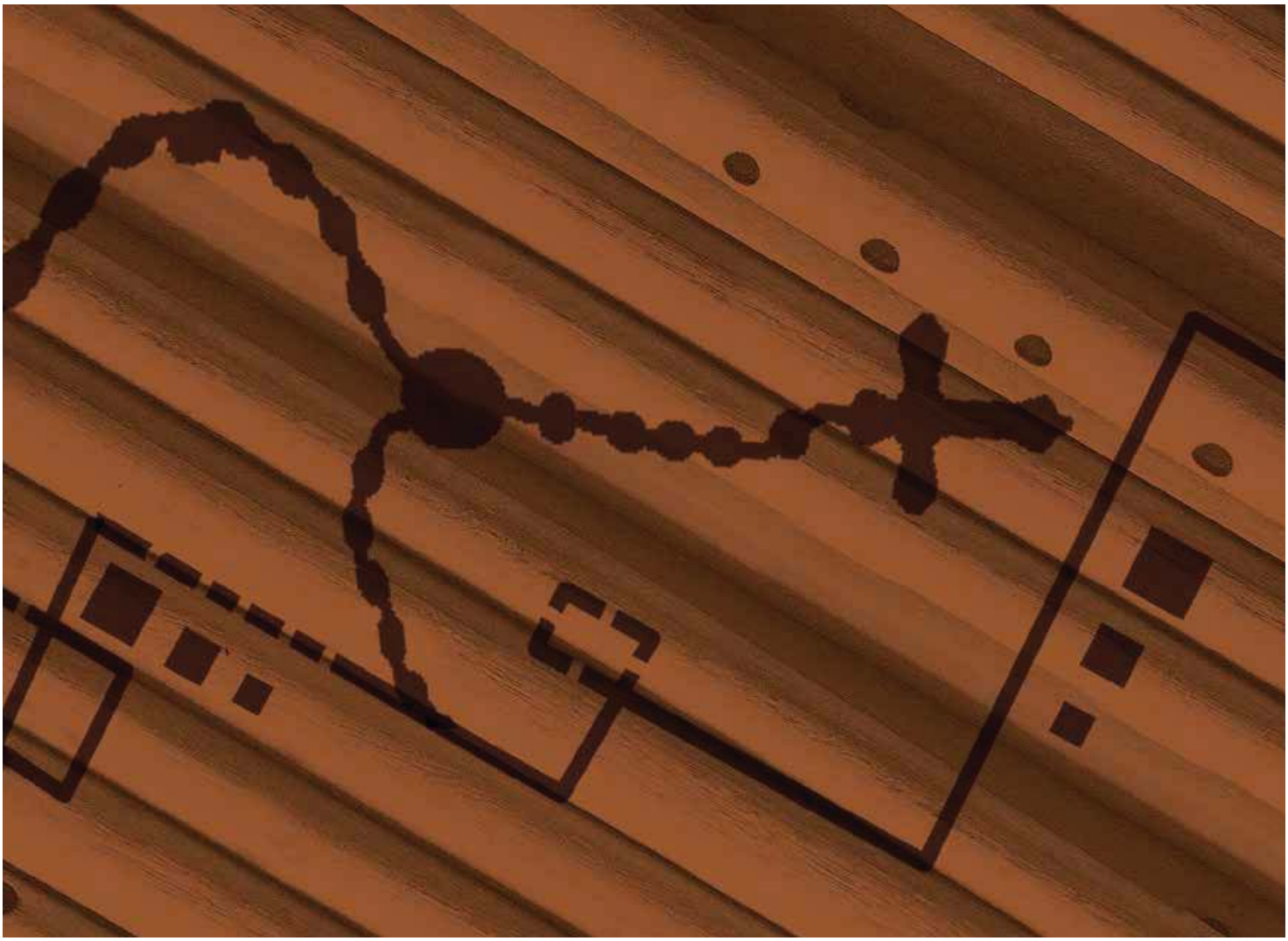
redobrada. Quanto mais importante é o evento, maior é o cuidado com o fardamento da banda.

Festas religiosas são as que recebem mais atenção, grande parte por causa do respeito dos músicos pelos santos louvados. Algumas décadas atrás, esses eventos eram umas das poucas formas de lazer que comunidades inteiras dispunham.

Sem rádio ou televisão, era nas festas que as pessoas poderiam interagir com vizinhos, festejar uma promessa ou a chuva, como também a oportunidade ideal para arranjar um namoro.

O fato é que a apresentação visual dessas bandas conta tanto quanto as habilidades musicais – saber vestir pode valer tanto quanto saber tocar.

NOVENAS



Uma novena corresponde a uma série de nove dias. De origem católica, normalmente é dedicada ao louvor à Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), mas, com o tempo, deu espaço aos santos e à Virgem Maria.

Durante nove dias, os cristãos fazem devoções para pedir uma graça ou agradecer as já alcançadas. A citação do rosário e do terço são elementos presentes nas novenas desde que o cristianismo foi institucionalizado.

A população rural, que vive à mercê do clima e das estações do ano, criou o hábito de pedir chuva para boas colheitas e agradecer as graças.

Na liturgia, que tem uma programação intensa de rezas e festejos, a necessidade da música se fez presente, e as bandas de pífanos logo tomaram um espaço importante.

As atividades da banda de pífanos no novenário formam uma sequência bastante complexa, começando pelo erguimento da bandeira do santo homenageado; em seguida, ocorre um tipo de dança dos pifeiros diante do altar desse santo, pedindo permissão para iniciarem oficialmente a novena, conhecida como *vênia*. Depois, a banda faz o cortejo com a imagem do santo pela comunidade pedindo donativos para custear a festa e daí começam as rezas, que duram o dia inteiro; no final do dia, as bandas tocam no leilão, quando os donativos arrecadados são vendidos e destinados ao custeio da festa.

No final do novenário, a banda serve de entretenimento aos presentes, tocando músicas que não têm, necessariamente, teor religioso. Em todas as etapas há uma forma de a banda tocar e acompanhar as rezas e reverências. Apesar de hoje em dia a tradição das bandas no novenário estar

VÊNIA

A *vênia* é uma licença e também uma reverência que a banda de pífanos faz ao santo ou à santa venerada durante a novena. Os componentes das bandas de pífanos fazem evoluções em círculos, serpenteando e chegando a se ajoelhar perante o altar ou andor onde se encontra a imagem santificada.

Sítio Acauã, São Caetano

Alto do Moura, Caruaru

Comunidade Pau Ferrado, Lagoa dos Gatos

desaparecendo, ainda se pode encontrar novenas tradicionais guiadas por pifeiros.

Esse serviço, apesar de mais voltado à questão religiosa, se estende também a aniversários, inaugurações, desfiles cívicos, mas é na novena que encontramos a maior ligação das bandas de pífanos com a religião e a sociedade.

Nas novenas, as bandas de pífanos anunciam o começo das rezas com a alvorada, elevam o santo cultuado na bandeira, pedem permissão na vênia, as esmolas para a festa, marcam os lotes do leilão. Em suma, são elementares para a execução tradicional dessa expressão religiosa.

É nessas festas que grupos encontram espaço para divulgar seus dotes musicais – quesitos como resistência dos músicos a longas horas de festa, riqueza de repertório e performance são contados para que um grupo atinja renome local. Quanto mais renomada a banda, maior o número de novenas que são chamadas, algumas até conseguem contratos com paróquias. Mas nem sempre as bandas recebem algum retorno financeiro – em ocasiões de pagamento de promessa por famílias carentes, a depender do santo, da promessa e da família, não é difícil encontrar bandas que toquem de graça. A mistura de devoção e profissionalismo é um desafio a muitos pifeiros da atualidade.

Os tocadores têm dificuldades em encontrar jovens interessados nessa tradição, grande parte por causa da baixa remuneração das bandas e, principalmente, por causa da chegada dos novos meios de comunicação nas regiões rurais. Esses meios prendem a atenção dos jovens e levam até eles novas realidades artísticas e profissionais, que fazem com que eles se interessem mais por músicas e bandas divulgadas pela rádio, televisão ou internet do que pelas bandas de pífanos.

Frequentemente mestres antigos se queixam que as novelas e bandas de forró eletrônico têm acabado com a tradição local, arrastando os jovens para o consumismo e o desrespeito aos antigos.

BANDAS

BANDAS

Caruaru

BANDA DE PÍFANOS CULTURAL DE CARUARU

BANDA DE PÍFANOS PRINCESA DO AGRESTE

BANDA DE PÍFANOS DE CARAPOTÓS

BANDA DE PÍFANOS MESTRE VITALINO

BANDA DE PÍFANOS TRADIÇÃO DE CARUARU

BANDA CULTURAL SANTA MARIA

BANDA DE PÍFANOS ALVORADA

BANDA DE PÍFANOS VITORIANO JOVEM

BANDA DE PÍFANOS ZÉ DO ESTADO

EDMILSON DO PÍFANO E BANDA FLOR DO TAQUARY

BANDA ANTIGA DE SERRA VELHA

BANDA DE PÍFANOS DA TERCEIRA IDADE DO CENTRO SOCIAL JOAQUIM DO MONTE

JOÃO DO PIFE E BANDA DOIS IRMÃOS

BANDA DE PÍFANOS SÃO JOÃO DE SERRA VELHA

São Caetano

BANDA DE PÍFANOS SANTA LUZIA

BANDA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Panelas

BANDA SÃO CRISTÓVÃO

BANDA DE PÍFANOS CULTURAL DE CARUARU

LÍDER: Maurício da Silva Santos.

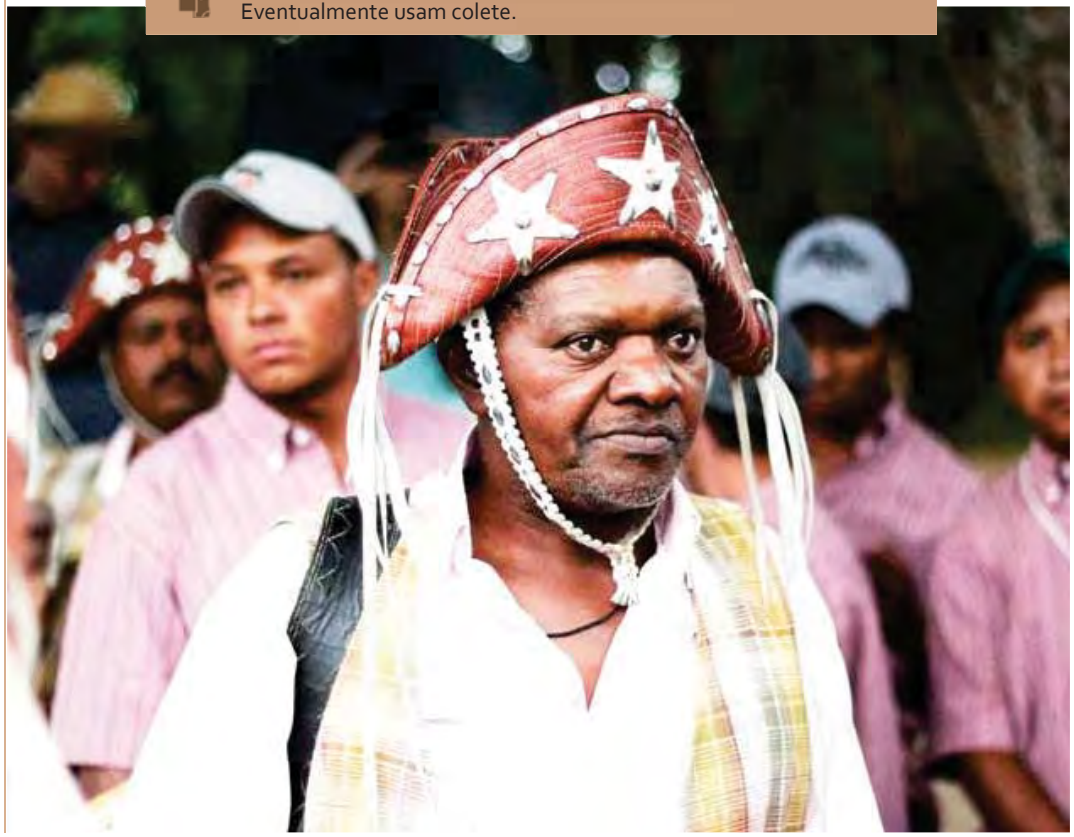
LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1977.

CURIOSIDADE: Foi criada com a participação de remanescentes da extinta Banda Tupi. As primeiras exibições foram para substituir a banda dos irmãos Biano, que migraram para São Paulo.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, zabumba, caixa, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro. Eventualmente usam colete.



BANDA DE PÍFANOS PRINCESA DO AGRESTE

LÍDER: Severino Pedro da Silva (Biu do Pife).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1998.

CURIOSIDADE: Biu, o pai dele e os irmãos começaram em Bezerros, de onde saíam caminhando pela manhã para tocar em procissões à tarde. De noite, animavam festas em botequins.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro. Eventualmente usam colete.

BANDA DE PÍFANOS DE CARAPOTÓS

LÍDER: Marcos Antônio da Silva (Marcos do Pífano).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: Final do século XIX, aproximadamente.

CURIOSIDADE: Surgiu por motivos religiosos, atrelada às festividades católicas em Carapotós, numa localidade povoada predominantemente por descendentes de quilombolas.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa e camisa estampada.

BANDA DE PÍFANOS MESTRE VITALINO

LÍDER: Severino Vitalino.

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1920.

CURIOSIDADE: Foi criada por mestre Vitalino, que se tornou mais conhecido pelo trabalho com artesanato em barro, no Alto do Moura.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumbas, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Fardamento militar.

BANDA DE PÍFANOS TRADIÇÃO DE CARUARU

LÍDER: Bruno Rafael Bosco Nunes da Silva.

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1993.

CURIOSIDADE: Todos os integrantes da banda foram alunos de João do Pife e já integraram a Banda Dois Irmãos. Fizeram a trilha sonora ao vivo de um espetáculo teatral sobre a vida do mestre Vitalino.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa, sandália e chapéu de couro.

BANDA CULTURAL SANTA MARIA

LÍDER: José Nivaldo Pereira (Zé do Pífe).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 2000.

CURIOSIDADE: Em eventos profanos, a formação da banda é acrescida de uma sanfona.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa, chapéu e sandália de couro.

BANDA DE PÍFANOS ALVORADA

LÍDER: Jeová de Souza (Vavá do Pífe).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1994.

CURIOSIDADE: Seu fundador Jeová de Souza, o Vavá, sonhava em ter sua própria bandinha de pífanos. A Alvorada tem um repertório próprio com letras sobre o cotidiano do homem do campo.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa, sandália e chapéu de couro. Eventualmente usam colete.

BANDA DE PIFANOS VITORIANO JOVEM

LÍDER: Marcos Antônio da Silva (Marcos do Pífano).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 2010.

CURIOSIDADE: Os integrantes são alunos de Marcos do Pífano. A primeira composição própria foi em homenagem ao professor e inspirada numa música do desenho animado Pica-Pau.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa, sandália e chapéu de couro.

BANDA DE PÍFANOS ZÉ DO ESTADO

LÍDER: José Feliciano Rodriguez Filho (Zé Gago).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1934.

CURIOSIDADE: A banda é formada por uma família, e seu nome vem do patriarca Zé do Estado, sanfoneiro da região que trabalhava numa repartição pública.

FORMAÇÃO: Um pífano, caixa, zabumba, pratos, pandeiro e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e sandália.

EDMILSON DO PÍFANO E BANDA FLOR DO TAQUARY

LÍDER: Edmílson Ferreira da Silva (Edmílson do Pífano).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1970.

CURIOSIDADE: Criada na cidade de Lajedo, inclui em algumas apresentações sanfona, triângulo e cantores.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro.

BANDA ANTIGA DE SERRA VELHA

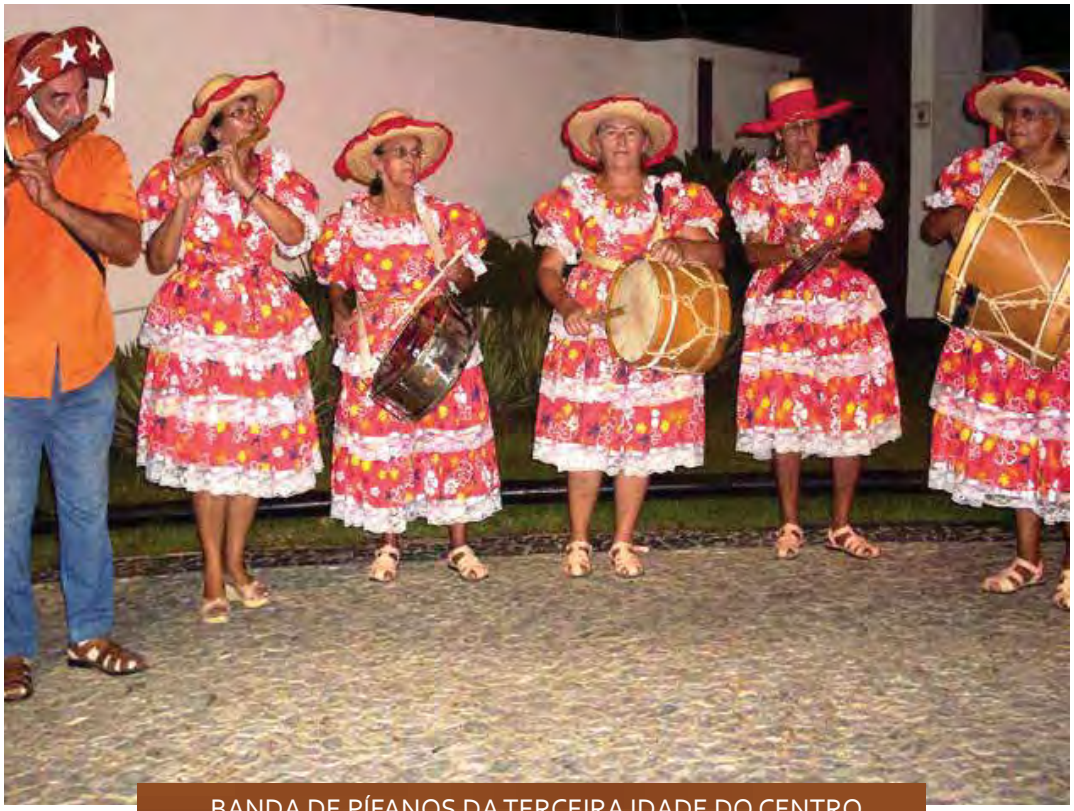
LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: Década de 1920.

CURIOSIDADE: O fundador Mané Cabrinha criava letras desafiando outras bandas, ganhando fama por vencer vários concursos na época. Ele incluiu o reco-reco e o triângulo no grupo. Encerrou as atividades após a morte de Mané Cabrinha, em 1991.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, zabumba, pratos, caixa e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro.



BANDA DE PÍFANOS DA TERCEIRA IDADE DO CENTRO SOCIAL JOAQUIM DO MONTE

LÍDER: Angelina Serafim da Silva.

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1996, aproximadamente.

CURIOSIDADE: É formada por mulheres idosas, alunas de João do Pife, no Centro Social Joaquim do Monte.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba,contrassurdo, pratos e triângulo.

FIGURINO: Vestido de chitão e chapéu de couro ou palha.

JOÃO DO PIFE E BANDA DOIS IRMÃOS

LÍDER: João Alfredo Marques dos Santos (João do Pife).

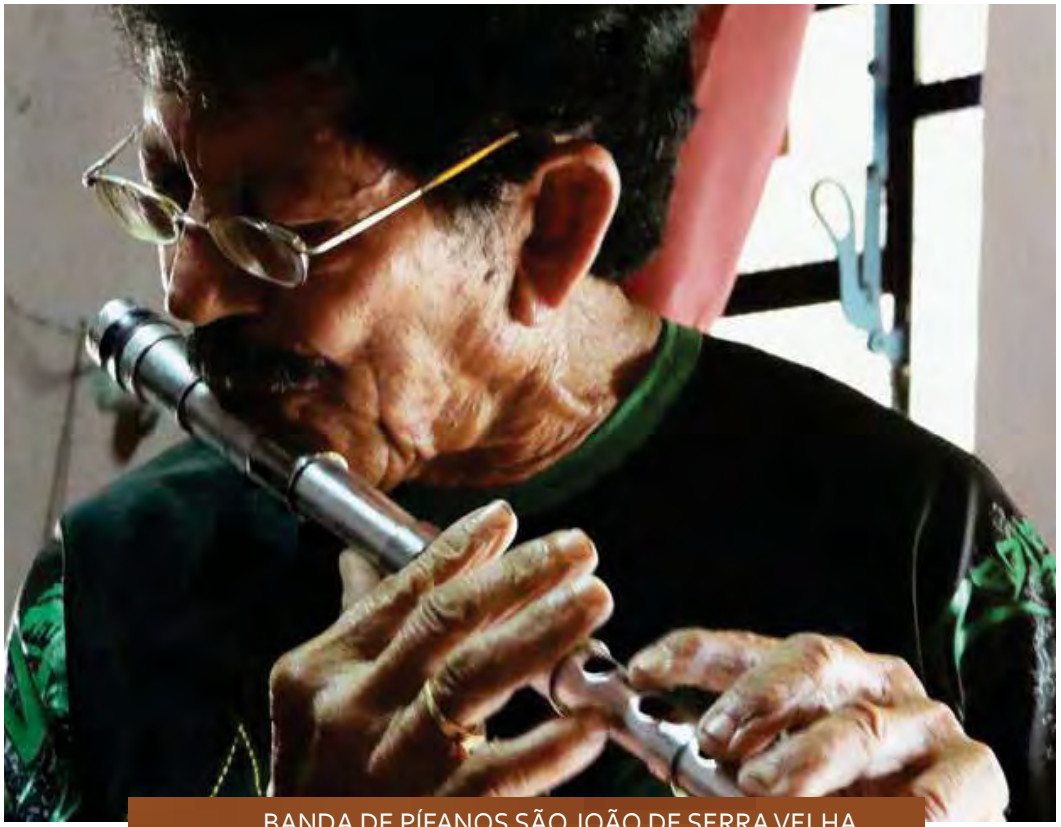
LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: 1928.

CURIOSIDADE: Criada no Sítio Xambá, em Riacho das Almas, antigo distrito de Caruaru, por Alfredo Marques dos Santos e teve prosseguimento com seus filhos Severino e João. Já percorreu diversas cidades brasileiras e cumpriu temporadas em mais de 30 países, incluindo a Europa e América do Norte.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, zabumba, caixa, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa, sandália e chapéu de couro. Eventualmente usam colete.



BANDA DE PÍFANOS SÃO JOÃO DE SERRA VELHA

LÍDER: Manoel Ribeiro Lima (Lunga).

LOCALIZAÇÃO: Caruaru.

FUNDAÇÃO: Década de 1990.

CURIOSIDADE: Com a morte de Mané Cabrinha, Manuel Ribeiro Lima, conhecido por Lunga, funda a banda para dar continuidade à antiga banda de Serra Velha.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, zabumba, pratos, caixa e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro.

BANDA DE PÍFANOS SANTA LUZIA

LÍDER: Antônio Manoel da Silva (Pelé do Pífe).

LOCALIZAÇÃO: São Caetano.

FUNDAÇÃO: 1996.

CURIOSIDADE: Os instrumentos percussivos tradicionais foram substituídos por instrumentos de bandas marciais devido à facilidade de afinação. Os pífanos são confeccionados em PVC.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa, camisa estampada ou lisa e chapéu de couro.

BANDA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

LÍDER: Severino Vicente Ferreira (Biu Guabiru).

LOCALIZAÇÃO: São Caetano.

FUNDAÇÃO: 1998.

CURIOSIDADE: Surgiu em Sítio Onça, na zona rural de São Caetano. A banda foi criada após a construção da Capela de Nossa Senhora de Fátima.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, zabumba, pratos e contrassurdo.

FIGURINO: Calça lisa e camiseta de malha padronizada.

BANDA SÃO CRISTÓVÃO

LÍDER: Agnaildo Antônio da Silva (Nil).

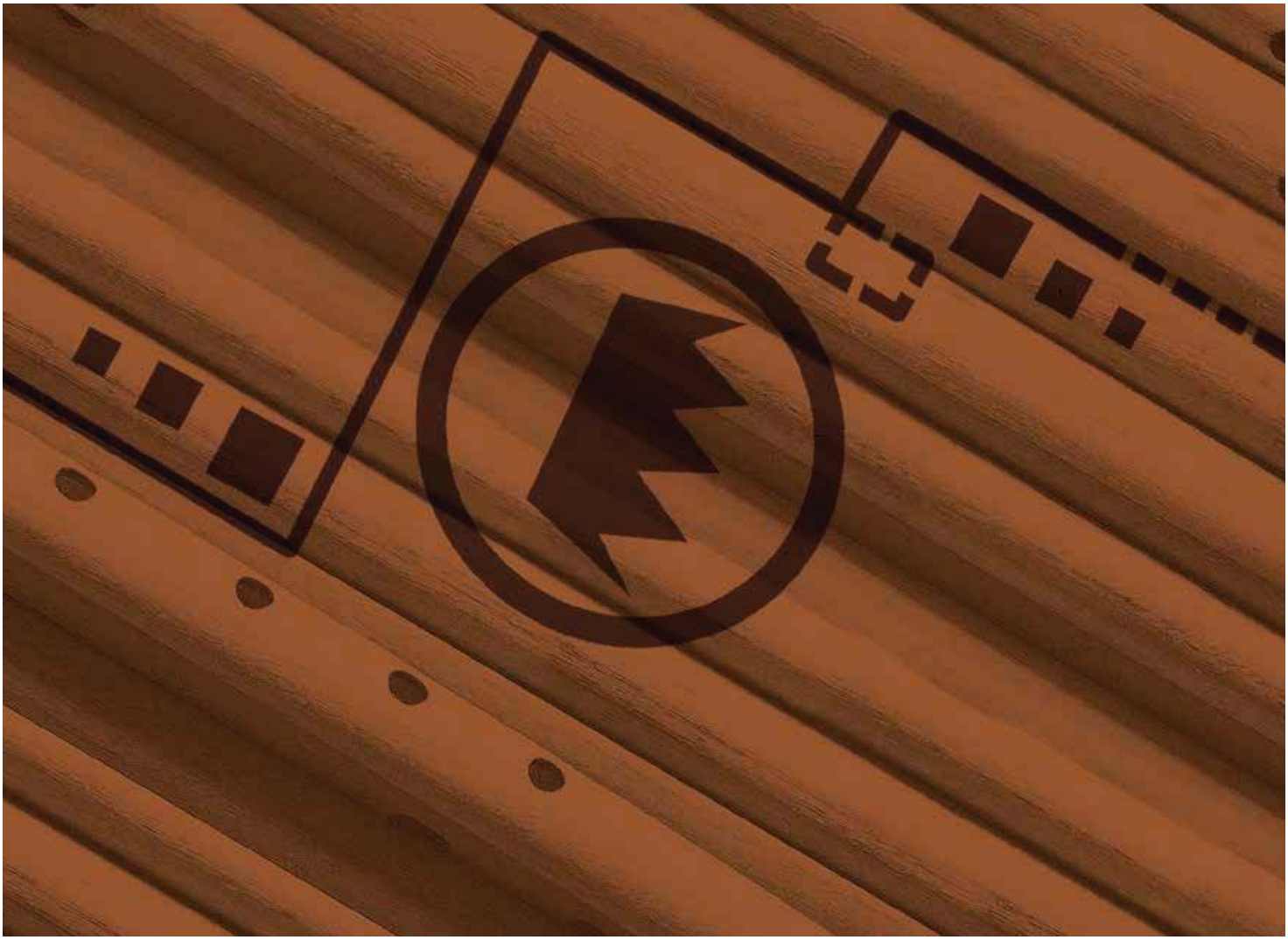
LOCALIZAÇÃO: Panelas.

FUNDAÇÃO: 1910, aproximadamente.

CURIOSIDADE: A banda faz cortejos pelas redondezas das igrejas angariando doações para o novenário. As doações variam de galinhas vivas a frutas, mas também podem ser em dinheiro. Tudo o que é arrecadado é leiloado após as rezas.

FORMAÇÃO: Dois pífanos, caixa, pratos e zabumba.

FIGURINO: É baseado em bandas marciais: calça lisa, camisa social e quepe.



ÍCONES

Banda de Pífanos de Caruaru

A Zabumba Caruaru que agora vai ser ouvida no Brasil e no mundo inteiro, graças a divulgação que a CBS sempre faz dos seus contratados, eu conheço desde meus tempos de rapazola em Caruaru. E era justamente Onildo Almeida quem me chamava a atenção para a "bandinha de pife" (pífano ou pífaro é certo, mas é chato de pronunciar) do mestre Sebastião Clarindo.

O som era diferente do som comum das bandas de música. Atraía mais a gente porisso. E o que me admirava era o numero maior de instrumentos de percussão não cobrir nem prejudicar os solos, em uníssono ou em dueto, dos pífanos. E ficávamos, horas e horas ouvindo a Zabumba Caruaru, sentada em bancos toscos de madeira, ao lado da igreja da Conceição. Era música nativa, pura e cristalinamente brasileira, nascida dentro de canudos de mamão ou de bambu, com ritmo batido em couro de cobra. Era som de nordeste. Som de Brasil.

Quando você começar a escutar este LP preste bem atenção à variedade dos toques da percussão. Enquanto os pífanos se harmonizam num dueto, o tarol às vezes bate frevo, às vezes "côco" e às vezes baião, sem quebrar a beleza da execução melódica.

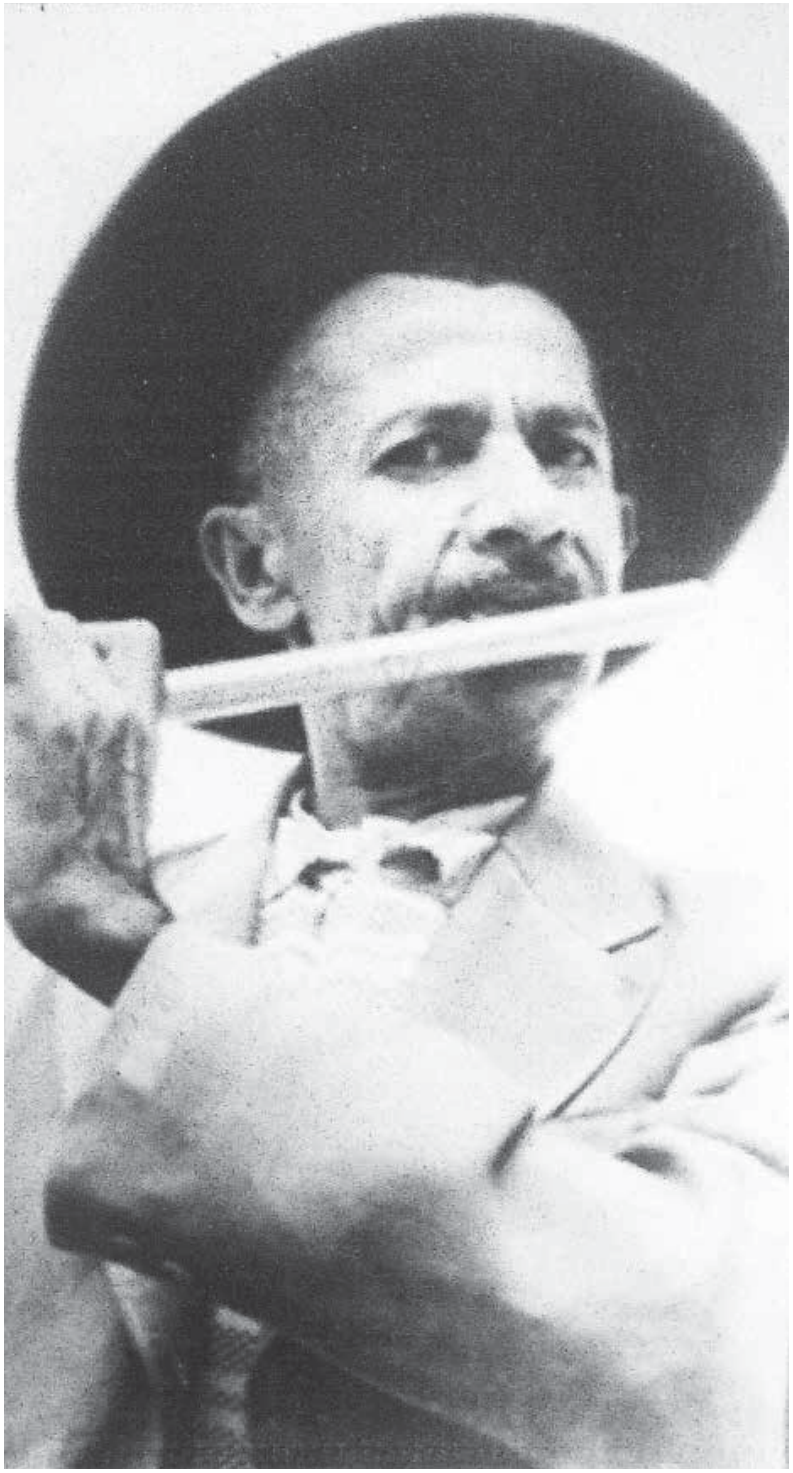
Esse detalhe eu observei mais profundamente quando certa vez escutei a "bandinha de pife" da qual participava o saudoso Mestre Vitalino que – ao que me pareceu- gostava mais de sua música do que dos seus bonecos de barro.

Gilberto Gil, Edu Lobo, Capinam e Paulinho da Viola devem ter sentido a importância dos toques da percussão, na "zabumba". Isto, sem deslustrar a beleza e a importância também dos pífanos.

Eu falo aqui como o povo. Eles poderão falar como músicos e entendidos. Como povo, não poderia deixar de mandar "aquele abraço" a Gilberto Gil que fez com que essa rosa agreste fôsse notada e sentida. Abraço que me atrevo a mandar em nome de Onildo Almeida, que há anos vem gritando, chamando mais povo para a importância da Zabumba Caruaru.

Outro abraço ao prefeito Anastácio Rodrigues – meu velho companheiro de imprensa – por ter mandado a "Zabumba Caruaru" ao Museu de Arte Moderna, aqui no Rio, onde aplausos calorosos comprovaram a afirmação de Gilberto Gil. Agora escutemos essa jóia musical brasileira com que a CBS presenteia a milhões de discófilos do Brasil e do Mundo.

Texto do compositor, dramaturgo e radialista pernambucano Luiz Queiroga na apresentação do primeiro LP da Banda de Pífanos de Caruaru, em 1972.



Vitalino Pereira dos Santos (Caruaru 1909-1963). Artesão e músico.

"Filho de agricultores, ainda na infância, inicia a arte de modelar pequenos animais com as sobras do barro usado por sua mãe na produção de tigelas, pratos, panelas, para vender na feira de Caruaru. Por meio do trabalho com o barro, ele torna o Alto do Moura referência nacional na produção de cerâmica, considerado pela Unesco um dos mais importantes centros de arte figurativa das Américas. Na década de 1920, cria uma banda de pífanos, da qual é o tocador principal.

Em 1960, viaja para o Rio de Janeiro, onde participa da *Noite de Caruaru*, organizada pelos irmãos João e José Condé. Na ocasião, a Rádio MEC grava seis músicas da banda de Vitalino, lançadas em disco de vinil na década de 1970. É possível que esse seja o primeiro registro gravado em vinil de bandas de pífanos do Nordeste.

Meu pai, além de ser artesão, era músico também. Participava de uma bandinha de pífanos naquela época, a bandinha Padre Cícero. Ele era o primeiro da banda, não fazia a segunda pra ninguém. Eu e meus irmãos gostamos muito de pífanos, daí criamos a Zabumba do Mestre Vitalino e chamamos João do Pife pra ser o representante da banda, o herdeiro de meu pai na música

Meu pai não sabia nem ler nem escrever, mas fez seis músicas. Ele ouvia os mais antigos, os Moreiras (banda com a qual o mestre Vitalino aprendeu, observando-a tocar). Vitalino ainda pequeno ia ver a banda e com 14 anos já ia pegando o pife. A história de Vitalino continua com a música das bandas de pife e dos artesãos. Ele começou a usar um chapéu de couro que ganhou de Zé Condé quando foi para o Rio de Janeiro. Mas

não foi por causa de Lampião não; era chapéu dos vaqueiros. Antes se tocava com chapéu de massa e à paisana, com qualquer roupa, sem fardamento, diferente das bandas de hoje em dia.
Certa vez foi ao Recife, acompanhando a banda de pífanos de Vicente. Ele levava seus bonecos de barro pra vender e, entre uma venda e outra, tocava pífano com seu Vicente. Tocava geralmente músicas de novenas pros santos. Viajou para o Rio de Janeiro e Brasília, levando os bonecos e os pífanos. Naquela época, quando ele começou, no Alto do Moura, a formação era de quatro músicos, sendo dois pífanos, um zabumba e um caixa. De 1957 a 1963 eles tocaram com essa formação, sempre à paisana, como falei, depois começaram a usar fardamento: uma roupa parecida com a dos policiais, com quepe na cabeça.
Ele tocava com alegria, com o prazer que ele sentia. Ele era uma pessoa humilde, pobre, precisava das coisas, mas tinha aquela alegria. Nós, os filhos, não tínhamos aquilo como trabalho. Era lazer, então ninguém aprendeu a tocar.
As bandas vieram ganhar algum dinheiro nos anos 1960, mas meu pai tocava porque gostava. Nas novenas tocava de graça, o pessoal dava comida, almoço e janta, mas dinheiro não saía não! Eu fui pra muitas novenas, eram as festas das crianças no interior, nos sítios, era muito bom! Se o tocador fosse preguiçoso não tocava nas novenas, não.
Esse foi meu tempo de criança, hoje uma festa de São João é com trio elétrico. Vitalino, meu pai, fazia os pifes dele; naquela época a taboca se encontrava fácil nos sítios, ele furava com o ferro quente, marcava com o lápis. Eu, como filho do Mestre Vitalino, me sinto honrado de participar deste livro mostrando meu pai como artesão e pifeiro, porque eu sou fã do pífano."

Depoimento de Severino Vitalino, filho de Mestre Vitalino.

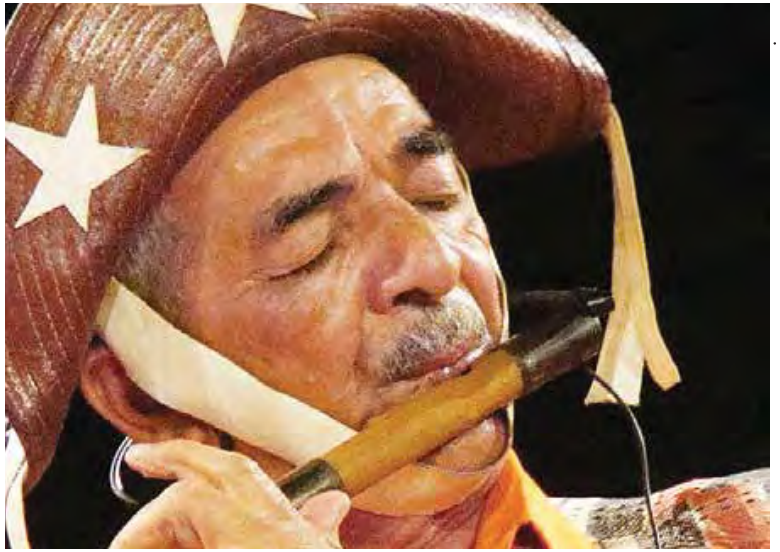
João do Pife, um mestre completo!

João Alfredo Marques dos Santos é músico, artesão, comerciante e mestre. O objeto de todas essas atividades é um só: o pífano. O instrumento acabou incorporando-se ao nome desse artista plural. João do Pife, como é conhecido, saiu de Riacho das Almas, antigo distrito de Caruaru, para ganhar notoriedade na Capital do Forró.

João do Pife e a cidade de Caruaru têm muito a ver. Foi na famosa feira dessa cidade do Agreste pernambucano onde João trabalhou na popularização das bandinhas de pífanos. Ali, ele passou anos comercializando os pífanos e as zabumbas que confeccionava artesanalmente. A Banda Dois Irmãos, herdada do pai – Alfredo Marques dos Santos–, em 1928, dividia-se entre funções religiosas e profanas. Nas proximidades das principais festas católicas, era chamada para participar das novenas, como forma de homenagear os santos. Na época das festas juninas ou do Carnaval, o foco de animação eram os forrós da zona rural. A fama do grupo espalhou-se rapidamente e logo passou a ser chamado para apresentações além dos limites de Caruaru.

Foi em países estrangeiros onde a obra de João do Pife alcançou maior repercussão. Foram diversas excursões, com apresentações para plateias da Europa e dos Estados Unidos, onde ministrou cursos e realizou shows. João também foi por diversas vezes tema de teses de mestrado e doutorado feitas por estudiosos estrangeiros e brasileiros. Na Europa ocorreram os primeiros registros fonográficos de seu trabalho, em coletâneas de *World Music*. Em 2005, João do Pife entrou pela primeira vez num estúdio brasileiro para a gravação de um disco próprio com repertório de novenas, forrós e até choro.

João do Pife costuma dizer que um mestre de pífano, para ser completo, tem que saber fazer seu instrumento. E é com esse pensamento que o artista tem como objetivo de vida repassar sua arte. Tem colaborado na formação de várias bandas de pífanos no interior de Pernambuco, como é o caso

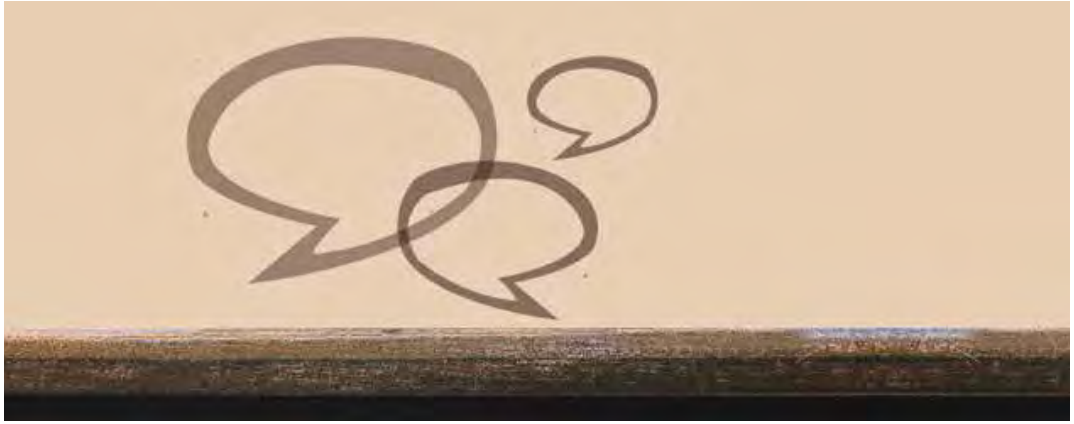


Os irmãos Severino e João do Pife

das bandas de pifes Mirim e das Mulheres, nas quais ensina a crianças e adultos, no Centro Social São João do Monte, em Caruaru.

Atualmente, tem realizado oficinas, em que se dedica ao ensino da fabricação de instrumentos de sopro e percussão em escolas públicas, universidades e centros de cultura do Brasil e exterior; são pífanos de taquara e PVC, zabumbas, contrassurdos e caixas cobertas de couro de bode. Por essas andanças, esteve nos Estados Unidos, onde, por três meses, lecionou e fabricou pífanos para professores e alunos da Universidade da Flórida. "Me sinto muito honrado com esse trabalho de ensinar. É a continuidade da arte."

OPINIÕES



OPINIÕES

"A cena parece ter saído de uma tela de Portinari: um grupo de tocadores de pífano e tambor anima a festa num terreiro com bandeirinhas, fogueira e ciranda; o povo animado completa a gravura, que tem o tom ocre, lembrando o barro do Sertão do Brasil. Felizmente é uma cena real e atualíssima. As bandas de pífaros estão vivas e, ativas, se espalham pelo país inteiro. É no Agreste de Pernambuco onde se concentram – mais especificamente na região de Caruaru.

Trazendo toda uma bagagem do passado, as bandas de pife têm efetiva atuação no presente e miram o futuro, buscando perpetuar suas tradições pelas novas gerações. São fruto da oralidade e hereditariedade: a arte do tocador – desde fabricar até tocar seu instrumento – é passada de pai para filho, de avô para neto, entre primos, tios e irmãos.

Desse modo, o aprendiz de hoje será o mestre de amanhã; é assim há mais de 150 anos, quando esse folguedo originou-se e evoluiu, tornando-se um dos ícones da cultura popular. A exemplo disso temos a Banda de Pífanos de Carapotós, quilombo próximo a Caruaru, onde nasceu Marcos do Pífano, exímio instrumentista que atua há muitos anos ao lado de outro pernambucano da região: João do Pife, nascido na vizinha Riacho das Almas. Os dois herdaram o talento de seus pais e avôs.

Os jovens começam a se interessar pela banda de pife num "estalo" – como Marcos me contou – e passam a aprender as músicas de ouvido, não raro no método conhecido como *espelho*, quando um tocador fica de frente para o outro. Por conta desse método, muitos aprendem a tocar invertido, ou "peba", na linguagem dos pifeiros.

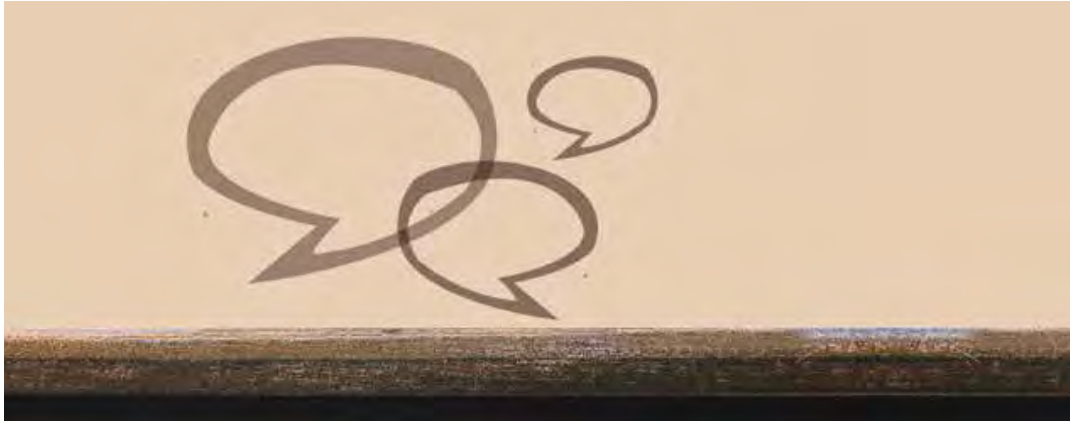
Na Banda de Pífanos de Carapotós, todos os integrantes são músicos amadores, com exceção do mestre Marcos do Pífano, que é profissional e vive do pífaro. Eles tocam nas festividades e novenas locais com o prestígio que a tradição os confere.

As tocatas coreografadas são uma marca registrada e um diferencial desse grupo que utiliza o zabumba e o contrassurdo originais da primeira formação. A parelha de pifes é de bambu, anelada com metal, o que confere uma proteção maior contra quedas ou rachaduras na madeira, muito comuns devido à finíssima espessura dessa taboca. A meu ver, o metal agrega também um visual "muderno".

Representante dessa "mudernidade" e músico surpreendente por sua forma de tocar o pife, Antônio Feliciano, o famoso Peba da Banda de Zé do Estado, é o autodidatismo em pessoa. Ao aprender a tocar uma gaita ou flauta vertical, ele segurava o instrumento com a mão esquerda na parte inferior e a mão direita na parte superior. Quando trocou a gaita pelo pífaro, posicionou-o para o lado direito, o que lhe confere um ar contorcionista. Com extrema personalidade musical, tornou-se célebre por seu repertório variado, de bom gosto, e por sua alma cosmopolita, que o faz frequentemente participar de outras bandas como segundo pife. Seu virtuosismo na gaita também impressiona.

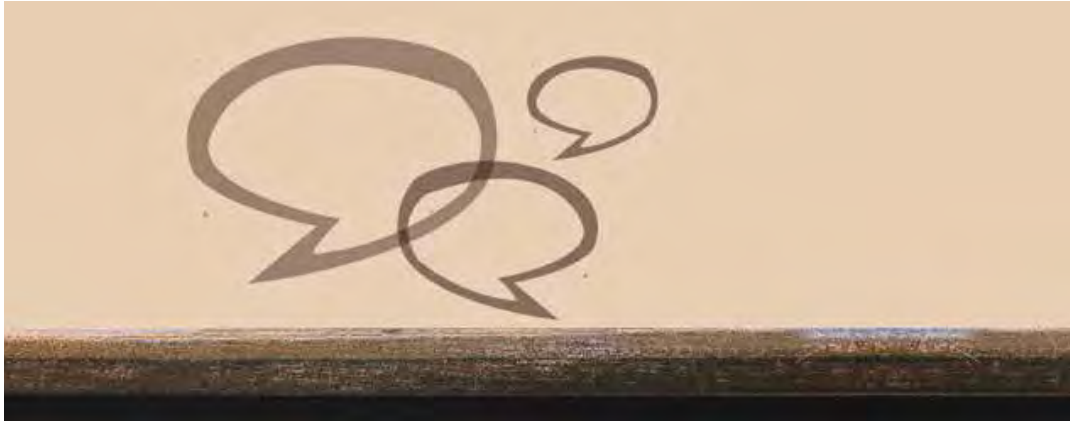
Em sua banda destaca-se o zabumbeiro Basto, que tem o espírito de centralizar a dinâmica do conjunto nos crescendos e diminuendos. Com gestual muito particular, lembra um vaqueiro que, tendo o zabumba como seu cavalo, controla o som como se fosse seu rebanho.

A sonoridade de uma banda de pife tem em si muito do que é captado ao redor: traduz o som dos animais, o barulho das cidades, as vozes, os sotaques, os ritmos, as cantigas, os assobios e os batuques. De maneira curiosa, o timbre perpassa o ouvinte,



que se torna parte da música, dançando, cantando e até mesmo querendo tocar.
Sim, pois não há nesse mundo quem resista ao som suingado de um terno de pife. As crianças também se encantam com o pífano.
Formada por jovens entre 10 e 15 anos de idade, a Banda de Pífanos Vitoriano Jovem assegura um futuro promissor, devido ao talento de seus componentes. A parelha formada por Juliene Rafaela e José Wanderson demonstra a alegria e o desembaraço dignos de mestre. O naipe de percussão acompanha com dinâmica e leveza, corroborando a orientação segura de Marcos do Pífano, pai de dois dos integrantes da banda.
Para quase a totalidade dos tocadores de bandas de pífanos, a iniciação musical acontece na infância, intuitivamente, como uma brincadeira e, à medida que o tempo passa, a brincadeira torna-se séria, exigindo muito mais dedicação do tocador.
Sempre norteado pela intuição e pelas memórias melódicas transmitidas de geração em geração, acrescidas das de "digitação", como dizem os mestres que "aprendem no olho e no dedo", o tocador vai descobrindo infinitos caminhos pelos seis furos do pife. Desde as tonalidades mais agudas aos tons graves, o instrumento passa a traduzir o estado de espírito do pifeiro, ora festivo, ora contemplativo, às vezes solene ou irônico, melancólico ou revigorante.
O toque do pífano parece um elixir da juventude, a notar-se pelo olhar do tocador, que não perde seu brilho desde os tempos de infância. A própria embocadura exige do tocador um leve sorriso para criar o som, sugerindo, de imediato, uma alegria contagiante. Alegria que, em alguns, combina com sobriedade. Mestre Lunga é o exemplo. Aos 80 e tantos anos, vive como um eremita, numa casa montanha acima. Ele se lembra ainda das primeiras cantigas que aprendeu e compôs no pife. Seu instrumento é feito de metal: um tubo de alumínio com furos bem largos que ele domina com técnica apuradíssima. Sua memória é acesa pelo som do pife e, tomado de emoção, ele reverencia com saudade os companheiros de sua banda que já partiram.
Sábio zabumbeiro é Severino Vicente Ferreira, que cultiva na Banda N. Sa. de Fátima um verdadeiro manancial de tocadores. Com a participação dos filhos, sobrinhos e netos, a renovação fica garantida – eles tocam tanto o repertório de novenas como compõem temas originais.
Sendo uma arte perpassada por gerações, a música das bandas de pífaros vem evoluindo à medida que os jovens introduzem novos elementos ao repertório, ao gestual, aos arranjos, bem como com a diversificação da atividade artística, com apresentações em festivais e encontros que reúnem a fina flor das bandas de cabaçal.
A realização deste mapeamento e sua consequente publicação é um divisor de águas na difusão do pife e seu rico universo, dando luz especial aos tocadores, seus instrumentos e sotaques, trejeitos e passos".

Carlos Malta



OPINIÕES

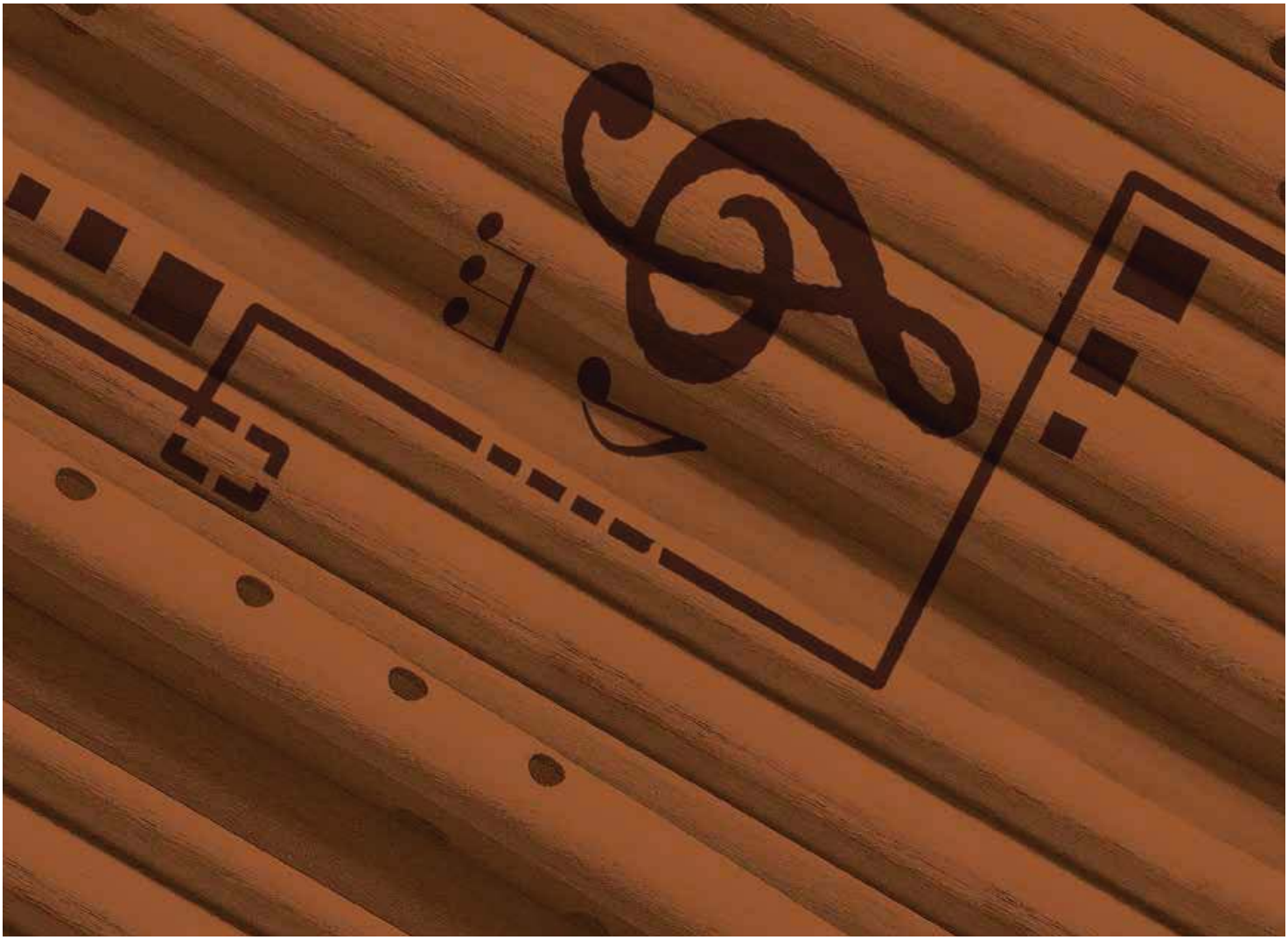
"Foram vinte dias pelas estradas do Agreste pernambucano percorrendo as cidades de Camocim de São Felix, Caruaru, Panelas, Cupira, São Joaquim do Monte, Santa Cruz do Capibaribe, São Caetano, Lagoa dos Gatos e Riacho das Almas, entrevistando dezenas de componentes de bandas de pífanos e pessoas ligadas a esta tradição musical. A princípio tínhamos previsão de contatar dez bandas, mas, quando chegamos ao final dos trabalhos, tínhamos catalogado 17 bandas de pífanos com formações bem diferentes, desde as mais tradicionais, passando pelas das crianças, dos jovens, das mulheres idosas, enfim, uma gama significativa e expressiva dessa região rica em profusão de bandas, estando a maioria em plena atividade. Trilhamos cerca de 1.500 quilômetros em estradas de asfalto e terra batida, visitando sítios, povoados e centros urbanos. A paisagem era árida, poeira no rosto, um sol quente de lascar, mostrando que uma das maiores secas da história, além do Sertão, também atingira o Agreste.

A música é uma arte fascinante! O som do pífano, um instrumento aparentemente simples, feito de forma artesanal que, a partir de uma varinha de bambu ou de cano de plástico, possibilita uma sonoridade agradável e encantadora. Como diz o músico Carlos Malta, "Eu não conheço um pifeiro que seja triste, tocou o pife é alegre e emana felicidade". Foi com esse espírito que partimos para essa empreitada pela região do Agreste pernambucano, a fim de conviver mais intensamente com o universo desses artistas.

Mesmo não tendo o destaque que merecem, principalmente pelo poder público, ainda é nas festas juninas que encontramos um ajuntamento de bandas. Os que antes eram formações essenciais nos festejos de São João, hoje é visto com certo desprezo e se transforma em bandinhas de folclore. É muito pouco pra força desses artistas.

Nos festejos em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro, as bandas se apresentam por intermédio dos governos municipais, a convite de fazendeiros da região ou da igreja católica local. Na maioria das vezes, não tocam nos palcos principais, ficam pelas esquinas, nas pracinhas, ali no chão mesmo, fazendo evoluções e cortejos. A tradição e a perseverança desses músicos são tão fortes que, mesmo carecendo de reconhecimento e respeito, fazem com que as bandas estejam presentes na programação oficial das festanças, porque não há festejo autêntico sem uma banda de pífanos na região do Agreste pernambucano. Por outro lado, os cachês são ínfimos, contrapondo com os cachês exorbitantes dos conjuntos de forró eletrônico e "artistas consagrados", evidenciando o desinteresse e a falta de compromisso com a manutenção dessas bandas. Faz-se necessário um olhar mais atento para essa expressão musical milenar. Em Caruaru, que tem maior quantidade delas, comparada com outras cidades, e ainda com vitalidade, existem músicos que vivem unicamente dessa arte ou a tem como complemento importante na renda familiar. São necessárias ações imediatas de salvaguarda para com esse patrimônio cultural ainda sem reconhecimento oficial, que corre o risco de, num futuro bem próximo, desaparecer. O amor pela tradição musical é o que faz esses músicos levarem a bandeira do pífano por todos os percalços. Lição de vida, humildade e alegria".

Amaro Filho

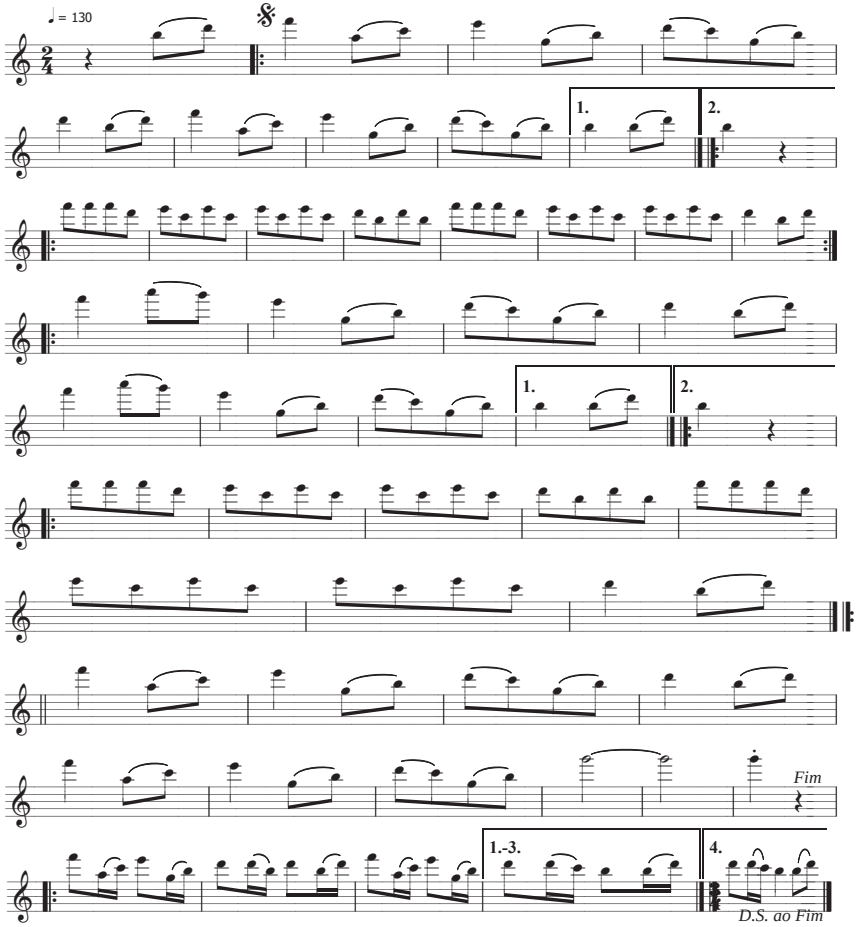


PARTITURAS

Baião do espaço

Transcrição: José Cláudio Lino

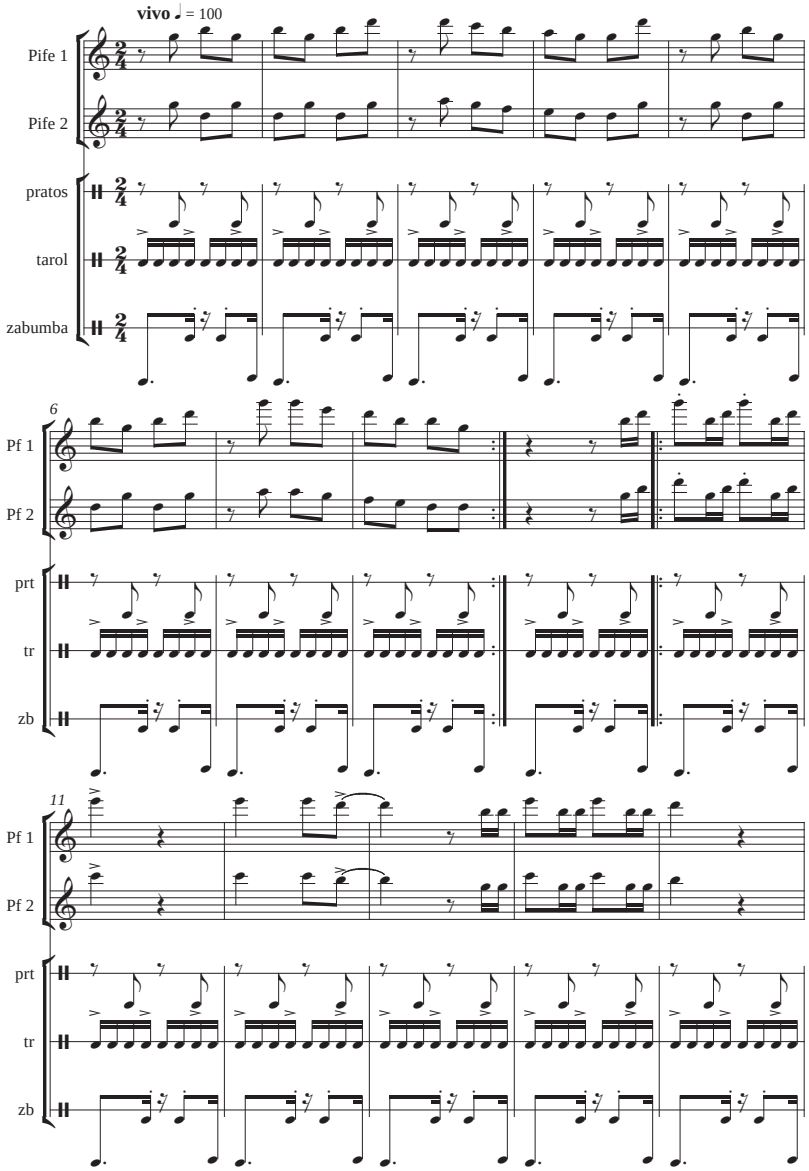
João do Pífe



O meu forró é assim

Transcrição: Carlos Malta

Jeová de Souza



Caboclinhos

Transcrição: Carlos Malta

Antônio Feliciano (Peba)

muito vivo ♩ = 180

Pife 1
Pife 2
pratos
tarol
zabumba

7

Picc.
Picc.
prt
tr
zb

13

Picc.
Picc.
prt
tr
zb

PARTITURAS

A caminho da igreja

Transcrição: Carlos Malta

xaxado ♩ = 100

Silvano Severino Ferreira

Pife 1
Pife 2
Pratos
tarol
zabumba

7

1.
2.

pf.1
pf.2
pts
tr
zb

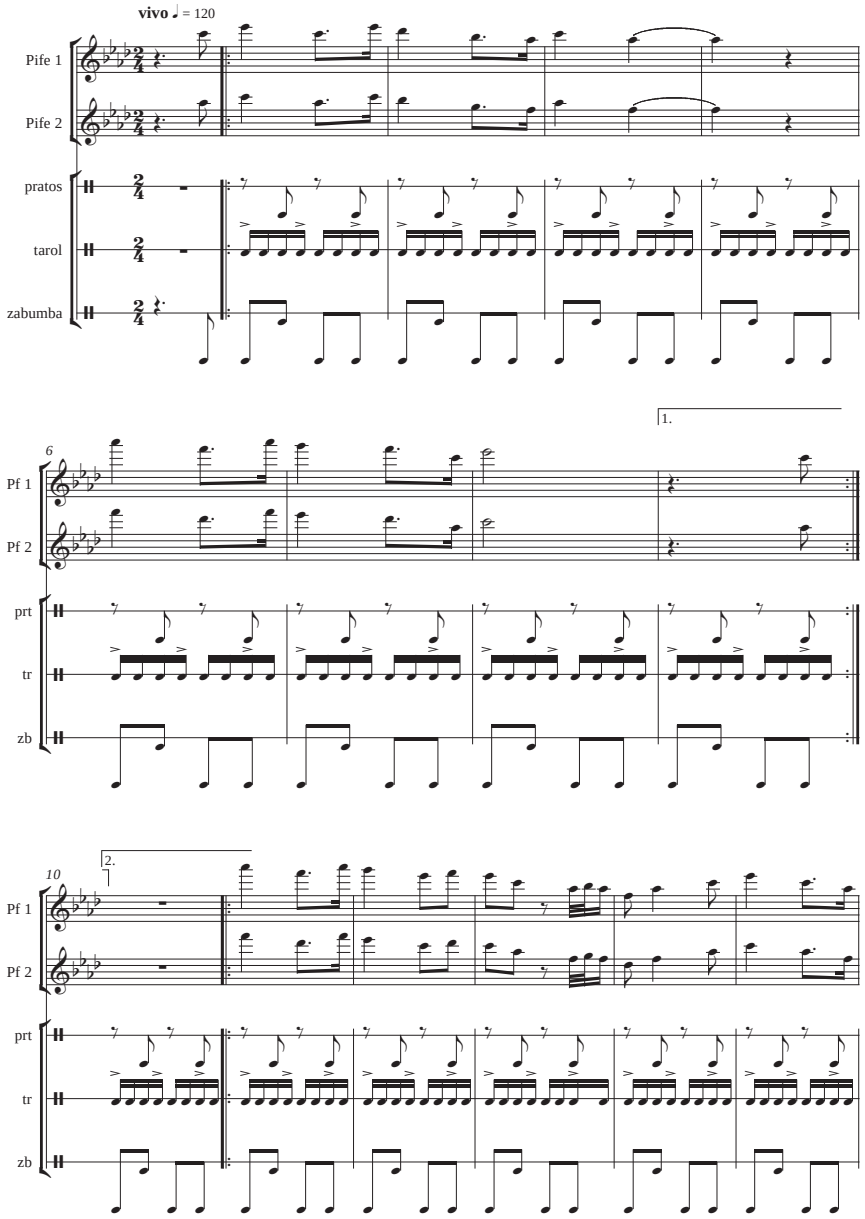
13

pf.1
pf.2
pts
tr
zb

Me leva

Transcrição: Carlos Malta

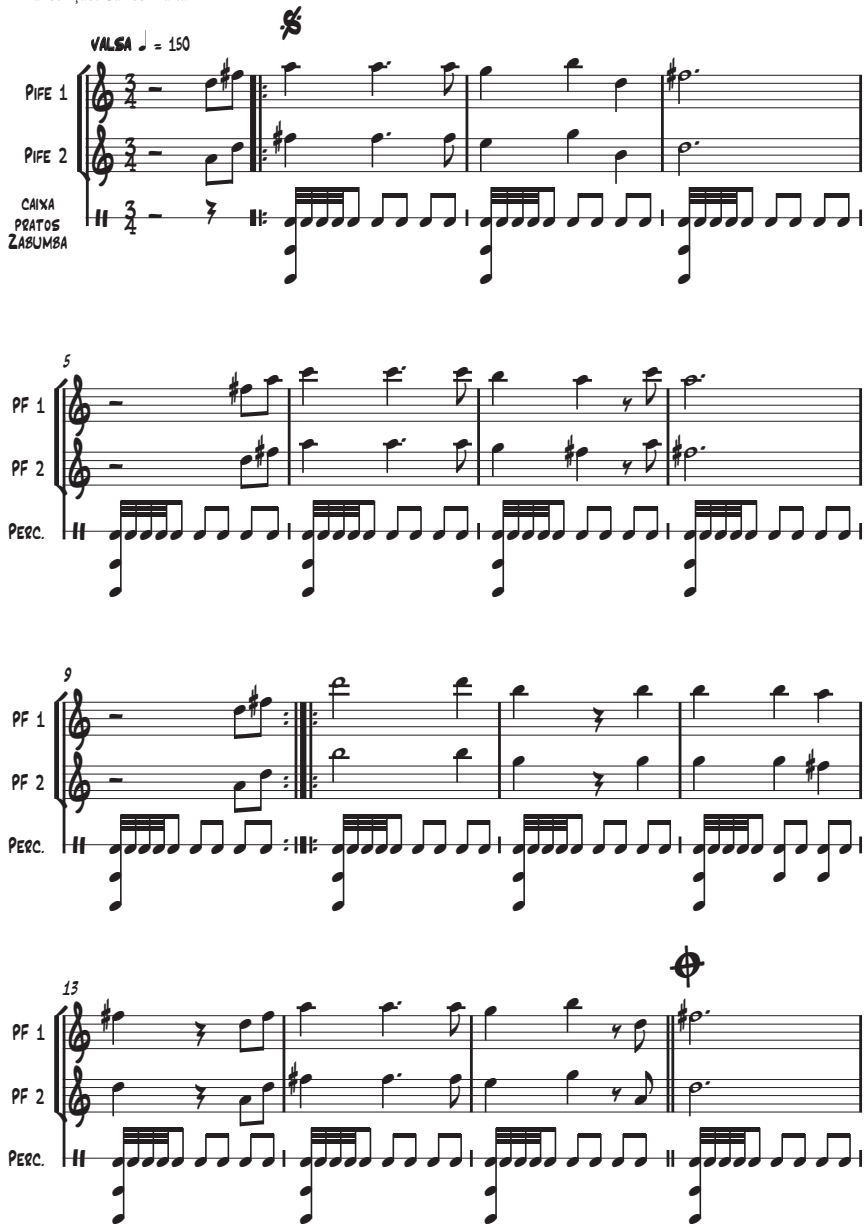
Manuel Ribeiro Lima (Lunga)



Valsa de vênia

Transcrição: Carlos Malta

Marcos do Pífano



Referências

ANDRADE, Mário de. Dicionário musical brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

CÂMARA, Aluizio. Texto da Exposição "O sopro do tempo: o patrimônio nacional em Pernambuco".
LIMA, Jeannette M. D. Arqueologia do Brejo da Madre de Deus – Pernambuco. Arquivos do Museu de História Natural – UFMG. Belo Horizonte, VIII – IX: 29 – 32,1983/84.
____ . Nordestino pré-histórico embalsamava os mortos. Jornal do Commercio. Recife, 1990.
_____ . Dois períodos de subsistência no Agreste Pernambucano: 9.000 e 2.000 A.P. CLIO, Recife, 1(4): 57 – 61, 1991.

CANECA, Marco Antônio da Silva. O pífano da feira de Carurau: contexto; características; aspectos educativos. 1993. Dissertação (mestrado em Música) – Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1999.

CROOK, Larry Norman. Zabumba music from Caruaru, Pernambuco: musical style, gender, and the interpenetration of rural and urban worlds, 1991. Tese. Faculty of the Graduate School of The University of Texas, Austin, 1991.

GEERTZ, Clifford. O Pensamento como ato moral: dimensões éticas do "trabalho de campo" nos países novos. In: Nova luz sobre a Antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LIMA, Jeannette M. D. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco.1985. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pernambuco, 1985.

MAGALHÃES, Daniel Lima. Canudos, gaitas e pífanos: as flautas do norte de Minas. Belo Horizonte: Editora D. L Magalhães. , 2010.

MARTIN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil.5 ed.Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008. 438p. il.

MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. & MELLO E ALVIM, M. C. A população pré-histórica da Furna do Estrago – adaptação humana ao Agreste pernambucano. Symposium, v. 34, n.42, p. 123-145. Recife, 1992.

PEDRASSE Carlos Eduardo. Banda de pífanos de Caruaru: uma análise musical. 2002. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Unicamp, Campinas, 2002.

ROCHA, José M. T. " Eh! Lá vem Esquenta-mulher..." As Bandas-de-Pífanos do Nordeste do Brasil, em uma perspectiva Histórica Cultural. Tese (Doutorado em música). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, 2002.

VELHA, Cristina Eira. Significações sociais culturais e simbólicas na trajetória da Banda de Pífanos de Caruaru e a problemática histórica do estudo da cultura de tradição oral no Brasil. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

ENTREVISTAS

FERREIRA, Severino Vicente; FERREIRA, Silvano Severino.: depoimentos (24 DE janeiro de 2013) entrevista. (Banda Nossa Senhora de Fátima) São Caetano -PE.

SANTOS, Ednaldo Josafá dos; SANTOS, Josafá Manoel dos ; SILVA, Lourival José da; SANTOS, Regina Marcionílio dos: depoimentos (23 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda Antiga de Serra Velha) Caruaru PE.

SANTOS, Maurício da: depoimento (23 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Cultural de Caruaru) Caruaru-PE.

SILVA, Antônio Manoel da: depoimento (24 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Santa Luzia) São Caetano-PE.

SILVA, Geraldo Antônio da; SILVA, Agnaildo Antônio da: depoimentos (25 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda São Cristóvão) Panelas - PE.

RODRIGUES, José Feliciano: depoimento (26 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Zé do Estado) Caruaru - PE.

SILVA, Edmilson Ferreira da: depoimento (28 de janeiro de 2013) entrevista. (Edmilson do Pífano e Banda Flor do Taquary) – Caruaru -PE.

SILVA, Bruno Rafael Bosco Nunes da; SILVA, Fábio Felipe Albuquerque; SILVA, Jorge Augusto Albuquerque da: depoimentos (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Tradição de Caruaru) Caruaru -PE.

SILVA, Marcos Antônio da: depoimento (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos de Carapotós) – Caruaru- PE.

SILVA, Severino Pedro da: depoimento (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Princesa do Agreste) Caruaru- PE.

SOUZA, Jeová de: depoimento (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Alvorada) Caruaru - PE.

SILVA, José Wanderson Lourenço da; DOS SANTOS, SILVA, Juliene Rafaela; SILVA, Emanuel Márcio da; SILVA, Marques Antônio da; SILVA, Marcos Antônio da; GOMES, Tiago Felipe Rodrigo: depoimentos (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Vitoriano Jovem) Caruaru-PE.

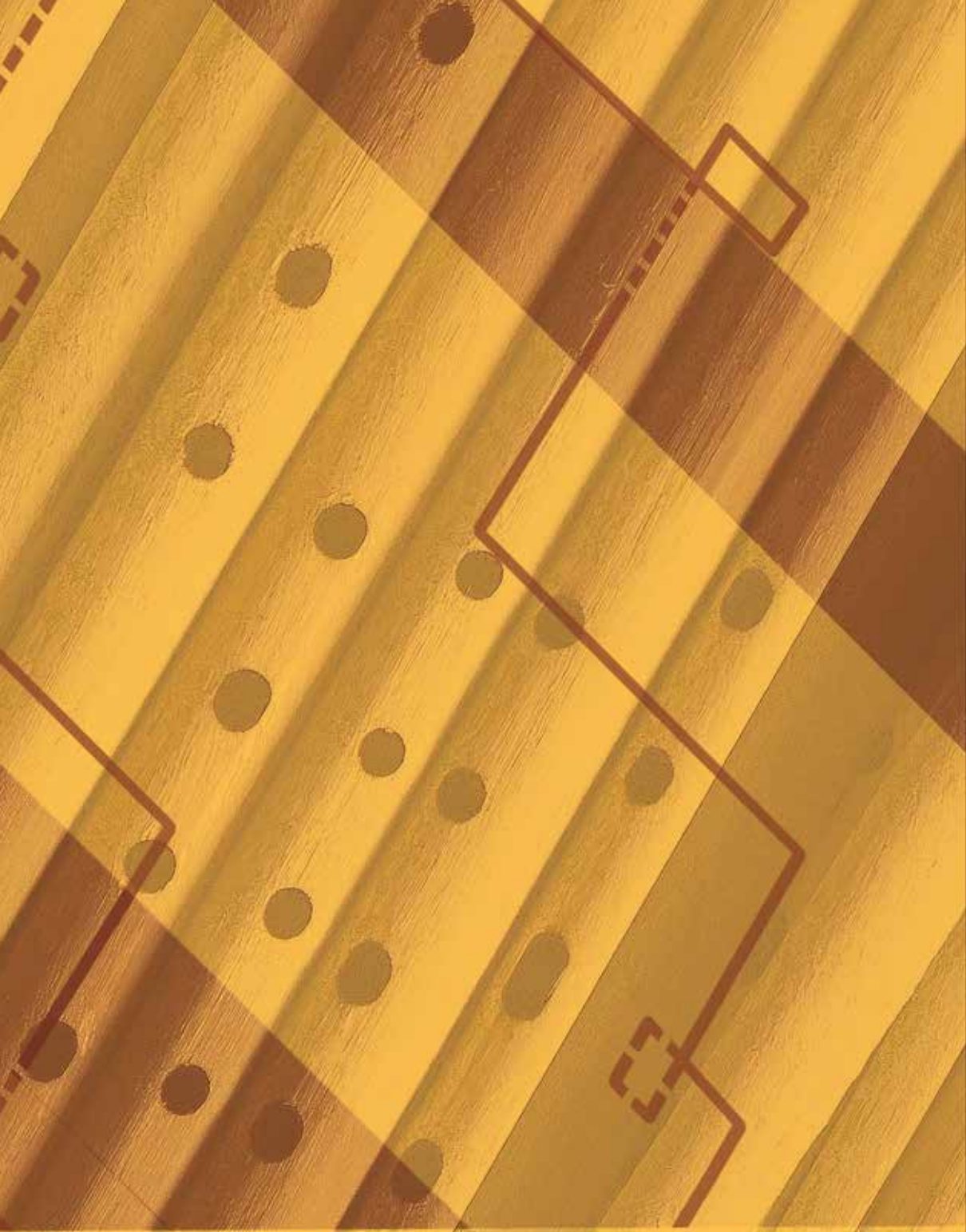
VITALINO, Severino: depoimento (29 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos Mestre Vitalino) Caruaru-PE.

SANTOS, João Alfredo Marques dos (João do Pife); SANTOS, Severino Marques dos: depoimentos (30 de janeiro de 2013) entrevista.(João do Pife e Banda Dois Irmãos) Caruaru-PE.

LIMA, Manoel Ribeiro: depoimento (30 de janeiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos São João de Serra Velha) Caruaru - PE.

SILVA, Angelina Serafim da: depoimento (02 de fevereiro de 2013) entrevista. (Banda de Pífanos da Terceira Idade do Centro Social Joaquim do Monte) Caruaru - PE

PEREIRA, José Nivaldo: depoimento (02 de fevereiro de 2013) entrevista. (Banda Cultural Santa Maria) Caruaru-PE



Realização:
página21

Incentivo:
FUNCULTURA
FUNDARPE
Secretaria de Cultura
PERNAMBUCO
GOVERNO DO ESTADO